

GUSZTINNÉ TULIPÁN MÁRIA

# TESTEMUNHA

OLHANDO A PARTIR DE  
UMA SOCIEDADE OPRESSIVA



Gusztinné Tulipán Mária nasceu numa família cristã, na Hungria, num momento da história daquele país em que os cristãos eram perseguidos pelo regime comunista. Na década de 1990, a cultura começara a mudar fundamentalmente e Mária foi testemunha de grandes acontecimentos.

Numa reflexão sobre os anos do trabalho pioneiro da Igreja do Nazareno na Hungria, Mária, presbítero na igreja, diz o seguinte sobre a sua nação: “Gosto da complexidade do feio e do belo juntos (...) descobrindo o toque da mão de Deus em cada momento.”



Missões Nazarenas Internacionais

ISBN 978-1-56344-847-8



9 781563 448478

**TESTEMUNHA**  
OLHANDO A PARTIR  
DE UMA SOCIEDADE OPRESSIVA

**2017–18 MNI**  
**RECURSOS EDUCACIONAIS DE MISSÕES**

---

---

**LIVROS**

**BDSW**

*Uma Biblioteca para o Mundo*

*por Tammy Condon*

**TESTEMUNHA**

*Olhando a Partir de Uma Sociedade Opressiva*

*por Gusztinné Tulipán Mária*

**VIVENDO LADO A LADO**

*Servindo o Povo de Cactus, Texas*

*por Jenni Montebianco*

**MURSI**

*Alcançando os não alcançados na Etiópia*

*por Howie Shute*

# TESTEMUNHA

OLHANDO A PARTIR  
DE UMA SOCIEDADE OPRESSIVA

POR  
GUSZTINNÉ TULIPÁN MÁRIA



Missões Nazarenas Internacionais

Copyright © 2017  
Nazarene Publishing House  
ISBN 978-1-56344-847-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em qualquer sistema de recuperação ou transmitida de forma alguma ou por quaisquer meios - por exemplo, meios electrónicos, fotocópias ou gravação - sem a prévia permissão escrita da editora, exceptuando breves citações em artigos impressos.

Tradução: Daniela Nobre  
Edição: Raquel Alves Espinhal Pereira

Capa: Juan Fernandez, artista gráfico. Juanfernandez.ga  
Paginação: Darryl Bennett

Todas as citações bíblicas, a menos que designadas de outra forma, são da Almeida Revista e Corrigida (ARC) Copyright 2009 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

# Dedicatória

A todas as testemunhas de Cristo - que “não se apegaram à sua vida nem diante da morte.” (Apocalipse 12:11, BPT09)

Ao meu pai e à minha mãe - que ousaram amar, acreditar e testemunhar; que entenderam o sofrimento como parte de seguir Cristo; e que adoravam contar a sua história aos filhos, netos e agora aos bisnetos.

# Reconhecimento

Um agradecimento especial ao Rev. John Haines por ter lido o meu manuscrito e gentilmente sugerido algumas alterações. Tendo sido o nosso primeiro superintendente distrital, conhece-nos bem e nós valorizamos a sua profunda amizade e orientação ao longo dos anos.





# Índice

Prefácio .....	11
Capítulo 1	
1968: Uma Perspectiva Missional .....	19
Capítulo 2	
Ao Receber a Sopa Instantânea .....	27
Capítulo 3	
O Muro dos Agressores .....	39
Capítulo 4	
Uma Tarefa Missional: Quando Não Somos Perseguidos.....	69
Capítulo 5	
Missão: Uma Fonte de Verdade e Realidade .....	73
Capítulo 6	
1989: O Muro Que Se Desmoronou .....	79
Capítulo 7	
Entende o Que Está a Ler? .....	89
Capítulo 8	
Rumo ao Ocidente: O Sanatório Suíço .....	95
Capítulo 9	
De Volta a Casa: Pode Algo Pequeno Ser Impactante? .....	105
Capítulo 10	
Aceita a Missão? .....	119
Capítulo 11	
Nós Somos Pequenos, Vocês São Poderosos .....	127
Capítulo 12	
Tem Um Minuto? .....	133
Capítulo 13	
A Página das Testemunhas .....	149
Capítulo 14	
O Muro das Testemunhas .....	155
Um convite .....	159
Apêndice .....	161



# Sobre a Autora

Gusztinné Tulipán Mária<sup>1</sup> é casada com Gusztin Imre. Tanto Imre como Mária são graduados do European Nazarene College (EuNC) em Büsingen, Alemanha, onde vieram a conhecer a herança wesleyana e a mensagem da santidade. Em 1996, após os seus estudos, a família Gusztin voltou para a Hungria e teve um papel fundamental no início do trabalho missionário nazareno. Tanto Imre como Mária têm estado envolvidos na plantação de igrejas. Mária é apaixonada pela educação teológica; a paixão do Imre é a publicação de livros. O casal serve como co-pastores na Igreja do Nazareno de Budapeste. Mária faz parte da equipa de liderança do Centro de Estudos de Budapeste do EuNC e é vice-presidente da Aliança Wesleyana na Hungria, da qual a Igreja do Nazareno é membro fundador. Imre é o actual superintendente distrital da Hungria.

O casal Gusztin tem um filho, Rudolf, musicólogo no Instituto de Musicologia da Academia húngara de Ciências, em Budapeste, e muito activo na Igreja do Nazareno da mesma cidade, sendo líder do grupo de louvor. É, também, o presidente da JNI Distrital da Hungria e detém uma licença de ministro distrital.

Toda a família gosta de cozinhar e experimentar novas receitas. Sair da cidade para estar envolvido na natureza é essencial; as

---

<sup>1</sup> O nome completo de Mária, em húngaro, é Gusztinné Tulipán Mária. Gusztin e Tulipán são os nomes de família. O primeiro é o nome de família do marido e foi adicionado no casamento. O sufixo -né significa Sra. e indica que a pessoa em causa é casada.

Colinas de Buda (Budai-hegység) são um lugar favorito para visitar. A caminhada sempre foi uma das actividades preferidas da família e a caminhada nórdica é o mais recente hobby. Os Gusztin também gostam de viajar e visitar pequenas aldeias - passam o dia imersos no seu ambiente, “a respirar com a aldeia”, a comer a sua comida, visitando o seu mercado e orando pelo lugar.

O leitor provavelmente não saberá muito sobre a Hungria

### **NOTA**

Celebramos o facto de que a Igreja do Nazareno é uma igreja global. Por essa razão, todas as medidas e expressões estão de acordo com a origem europeia e húngara de Mária.

# Prefácio

nem sobre a sua história, por isso, fiz um apanhado da evolução geográfica e cultural do povo húngaro, ao longo dos séculos:

- **O Império Romano:** Os romanos chegaram à parte mais ocidental da Hungria à qual chamaram Panónia. Esta esteve sob o domínio dos imperadores romanos entre 35 a.C. e 49 d.C. sendo no final do primeiro século uma província próspera. Os hunos forçaram a retirada dos romanos por volta de 395 d.C.
- **Chegada à Europa Central:** Os primeiros húngaros chegaram à Europa Central no séc. IX, vindos da parte norte do mar Negro. Por volta de 900 d.C., sete tribos magiares, o povo dominante da Hungria da Ásia Central, conquistaram a bacia dos Cárpatos, de acordo com a teoria amplamente aceite.
- **Cristianismo:** No ano 1000 d.C., o cristianismo foi aceite por Estevão - O Grande (István király), o primeiro rei da Hungria; foi também nesta altura que chegou o bispo Gellért, o primeiro missionário de Roma, para ensinar a população sobre o cristianismo. Apesar da sua viagem terminar numa morte cruel, a missão continuou. A grande maioria dos húngaros tornou-se cristã no séc. XI. Na fronteira mais oriental, os húngaros seguiam o cristianismo ocidental (ou catolicismo). A partir desse ponto, seguiram-se as tradições da Igreja Ortodoxa.
- **O Império Otomano:** Na idade média, a Hungria foi um influente poder político, até perder a batalha decisiva contra o

Império Otomano (Turco) em 1526. Esta batalha marcou o início dos 150 anos de domínio turco. Dois terços do país foi ocupado, mas o Islão não foi forçado aos húngaros pelos muçulmanos e os otomanos eram relativamente tolerantes no que toca à religião. A Hungria estava em luta constante com os turcos e era vista como uma fronteira que protegia a Europa cristã da invasão muçulmana.

- **Reforma:** Mercadores alemães traziam consigo ideias evangélicas do Sacro Império Romano, partilhando-as primeiramente com os cidadãos de língua alemã. Algumas vinham directamente de pessoas que estudavam no mosteiro em Wittenberg, Alemanha, onde Martinho Lutero começara a reforma protestante. O antigo território húngaro foi o ponto mais oriental alcançado pela reforma e tornou-se novamente uma fronteira dentro da Europa.
- **A Era dos Habsburgos:** Os habsburgos libertaram a Hungria dos otomanos, mas anexaram-na como parte do seu império. Mas tal como contra o domínio otomano, os húngaros lutavam agora contra os habsburgos. Era mais um império, mais opressão, mais uma era de luta pela liberdade. A última revolta, em meados do séc. IX, que levou à perda de familiares em quase todas as famílias nobres, acabou com o tratado que formou o Império Austro-Húngaro. Tal abriu portas a um período de prosperidade económica e cultural. O húngaro passou a ser a língua oficial e deu-se início à sua reforma.
- **As Guerras:** A Primeira e a Segunda Guerra Mundial tiveram consequências graves para a Hungria. Em 1920, finda a Primeira, o Tratado de Trianon decretou a alteração do território húngaro, eliminando dois terços do mesmo. Após a Segunda,

que incluiu uma breve ocupação alemã, a Hungria vivia novamente em opressão.



- **A Era Comunista:** Como em séculos anteriores, a liberdade era conquistada a um preço elevado. O poder que libertou o país, ficou para o oprimir; o Exército Vermelho tinha bases militares por todo o território. A Hungria tornou-se, novamente, um país-fronteira; ou seria antes uma ponte? A Hungria era o estado mais ocidentalizado do bloco soviético. A luta pela liberdade recomeçou, desta vez pelas mãos de estudantes universitários. Mas a revolução de 1956 foi derrotada com a ajuda de tanques soviéticos. Como resultado, 200 000 pessoas fugiram do país pela Áustria, 3 000 pessoas foram mortas durante os combates e mais de 100 000 pessoas sofreram durante a retaliação. Em 1968, uma discreta reforma económica levou a algum crescimento que acabou por ser travado pelos dirigentes soviéticos. Quarenta anos de comunismo levaram à desumanização, a deportações, ateísmo e a um clima de desconfiança generalizado dos vizinhos e familiares. Ao mesmo tempo, alguns pastores colaboravam com a polícia, denunciando-se uns aos outros. As pessoas ainda hoje lutam para se recuperarem das dificuldades da época e para reconquistarem a confiança perdida.
- **As Alterações:** Os húngaros referem-se ao tempo do pós-comunismo, a década de 1990, pela frase “depois das alterações”. O povo húngaro tem orgulho de ter ajudado a arrancar com “o início do fim” do muro de Berlim. Tal como antes na sua história, o país tinha sido uma fronteira entre o ocidente e o oriente, a Hungria tornou-se numa ponte, ao resistir aos poderes mundiais, permitindo a passagem do oriente para o ocidente ao longo do seu território.



Como acontece a qualquer grupo de pessoas, as marcas da história são profundas e permanecem por muito tempo. Os acordos de paz têm um alto preço. Se passar tempo suficiente com uma família húngara, eles certamente lhe mostrarão um mapa da Hungria mais alargada, mostrando-lhe e contando-lhe histórias de como a família deles foi seriamente afectada pela história. Contar-lhe-ão sobre bens confiscados, educação interrompida, carreiras perdidas, famílias divididas com a fuga de alguns dos seus membros para o ocidente, sobre o medo da repressão pela participação nos movimentos de libertação, etc. Ouvirá lamentações sobre escolhas erradas e sobre a severa punição das outras nações após as guerras. A história da Hungria está cheia de disputas pelo território, luta pela liberdade e constantes invasões de outros países. E, ainda assim, a



cultura e a língua mantiveram-se, ou mesmo tornaram-se tesouros ainda mais preciosos da identidade húngara.

- **Língua:** A língua é completamente diferente das línguas germânicas e eslavas. Não pertence às línguas indo-europeias, mas à família de línguas urálicas<sup>2</sup>. Na União Europeia falam-se 24 línguas diferentes, húngaro é uma delas<sup>3</sup>
  - A antiga escrita húngara (escrita da direita para a esquerda) era assim: 
  - E o teclado húngaro actual é assim: 
  - O nome do nosso grupo étnico como nação é Magyar. Este é também o nome da nossa língua. As outras nações passaram a chamar-nos húngaros, após a invasão dos hunos.
- **Missão:** Enquanto povo pagão, os húngaros conheceram o Deus do cristianismo através da migração de pessoas. Após a proclamação da nova fé, rei e povo foram baptizados; houve

---

<sup>2</sup> Os principais membros da família de línguas urálicas são o finlandês, o estoniano, o húngaro e o saami (lapão). Também há quem se refira às línguas urálicas como línguas fino-úgricas, faladas na Sibéria, na Rússia europeia e na Europa Oriental. O finlandês, o estoniano e o húngaro são línguas únicas porque são as únicas grandes línguas europeias que não fazem parte da família indo-europeia. As tribos que espalharam as línguas urálicas na Europa e na Ásia, vieram, provavelmente, dos Montes Urais (daí o nome).

<sup>3</sup> Algumas palavras bem-conhecidas internacionalmente com origem húngara são: paprika - com origem servo-croata - papar (pimenta) - acrescentando-se-lhe o diminutivo húngaro -ka; sabre, que vem da palavra húngara szablya; no inglês, a palavra coach (carruagem ou carro, puxado a cavalos), também tem origem húngara, kocsí, originalmente kocsí szekér, que significa carro de/ao estilo de Kocs (uma cidade nos arredores de Budapeste). Pode consultar este site se quiser saber mais palavras inglesas de origem húngara: [https://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_English\\_words\\_of\\_Hungarian\\_origin](https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_English_words_of_Hungarian_origin) Página Web, 8 de Novembro de 2016.

uma mudança no relacionamento entre o estado e a igreja e a Reforma foi vivida como no resto da Europa. Os missionários eram perseguidos e mortos pelos nossos antepassados pagãos. Mais tarde, os cristãos húngaros foram oprimidos, perseguidos, ou de alguma forma prejudicados pelos poderes não cristãos, ou mesmo por outras nações cristãs. A provação mais recente foi durante a ditadura comunista, quando as igrejas tiveram de assinar um acordo de cooperação com o governo. Todo o trabalho e pessoal da igreja eram controlados pelo partido comunista. Depois das alterações na década de 1990, foi adoptado um modelo de “igreja livre em estado livre”. A igreja está em recuperação e tem de confessar o seu papel no regime. Se traiu a confiança do povo, deve procurar recuperá-la, esquecer a linguagem hostil do passado e recuperar o desejo pelo evangelismo e missão. Deve reaprender a desenvolver a missão e encontrar os recursos e a estratégia para o fazer.

Dada a sua localização geográfica, a Hungria tem sido constantemente invadida ao longo da sua história. O seu posicionamento entre a Europa Ocidental e Oriental tornou-a num entroncamento de poder e migração populacional. Isto também se aplica na actual situação dos refugiados.

Os húngaros têm sobrevivido graças à misericórdia de Deus. A Hungria é um país que quer viver, mas que se deve voltar continuamente para Deus e para a Sua missão. A missão pode, às vezes, assumir a forma de fronteira, ou de ponte, noutras. Que a nossa nação - com uma história tão fragmentada - possa ser uma ponte para todos os que a atrevessem no futuro. Sejam eles viajantes, em busca do seu lugar tal como nós outrora fizemos, ou opressores,

que julgam ter o poder para fazer qualquer coisa. Para eles, que a Hungria possa ser uma ponte da morte para a vida, da escravidão para a liberdade - a liberdade que só pode ser encontrada em Cristo!





Eu nasci em 1968:

- Num país comunista, sob *opressão*, dado que uma emergente “legião romana” vivia espalhada pelas nossas cidades.
- Na República Popular da Hungria, partilhando o dia a dia com *estrangeiros cheios de ódio*, os quais éramos ensinados a chamar “irmãos”, “amigos” e “aliados”. Eram as tropas “libertadoras” do Exército Vermelho.
- Numa época em que tínhamos inúmeros inimigos, perseguidores que nos queriam *ameaçar, destruir, matar*.
- **Nasci num lar cristão, numa altura em que os cristãos eram perseguidos e a liberdade era relativa, e eu fui uma vítima de muito sofrimento.**

*Mas permita-me apresentar-me novamente.*

Eu nasci *depois* do fim das duas grandes guerras.

- *Depois* dos nossos antepassados lutarem pela liberdade na revolução húngara de 1956, depois da temerosa era de Rákosi (lê-se Rákoxi) do totalitarismo comunista, onde o governo controlava todos os aspectos das nossas vidas e a oposição foi suprimida.
- No chamado comunismo goulash<sup>4</sup> que, apesar de ser um regime comunista, era conhecido como “as casernas mais alegres do acampamento comunista” (mas eram casernas na mesma).
- No tempo em que a polícia secreta *não era tão brutal* como antes e em que as restrições ao discurso e à circulação diminuíram.
- Num ano em que se iniciou uma reforma económica e cultural, permitindo uma economia orientada para o mercado e vidas relativamente prósperas. (Prósperas no sentido em que não tínhamos de fazer fila para as compras: levávamos uma lista e tínhamos uma ou duas opções por cada item.)
- Num período em que vi o inimigo intrigado com o poder de Deus e perseguidores encontrando Cristo e transformarem-se em tremendos evangelistas.
- **Nasci num avivamento, e fui *testemunha* de grandes acontecimentos.**

Dependendo da maneira como me apresente, o leitor sentirá pena, compaixão, reconhecimento ou outras emoções.

---

<sup>4</sup> O comunismo goulash refere-se ao tipo de regime comunista praticado na República Popular da Hungria, de 1960 até ao colapso do comunismo da Europa Central, em 1989. Com elementos da economia de mercado livre e um registo de melhoria nos direitos humanos, representou uma reforma silenciosa e desvio dos princípios soviéticos praticados na Hungria na década anterior. [Para mais informações, consulte: [www.en.wikipedia.org/wiki/Goulash\\_Communistism](http://www.en.wikipedia.org/wiki/Goulash_Communistism).]

A história de uma testemunha é a interpretação do trabalho de Deus no nosso tempo e entre nós; é trazer o passado para o presente. Charles R. Swindoll disse que a vida é feita de 10% de circunstâncias e 90% de como reagimos às mesmas. Permita-me reformular este pensamento: a vida é feita de 10% de circunstâncias e 90% de como interpretamos e recontamos a história.

Recontar as nossas histórias fará parte da história de salvação das gerações seguintes. Nós temos instruções específicas sobre como lembrar, repetir e recontar as nossas histórias. A história de Israel, por exemplo, pode ser uma história de sucesso ou uma história infeliz, dependendo de como a testemunha a contar e da interpretação do leitor.

Eu não sou apologeta de histórias de sucesso baseadas num optimismo exagerado. Dado o meu historial, isso é pura propaganda, mesmo que seja propaganda missional para um propósito santo. Tais ornamentos não são uma fonte de fé e encorajamento. Se algo não é a verdade, é apenas uma colorida história de homens.

Mas também não gosto de histórias de autocomiseração; apenas evocam pena e desculpas para quem as conta. Mas mais do que isso, elas não abordam a salvação: a fé, os milagres, Deus em acção.

Gosto da complexidade do feio e do bom misturados, atribuindo as nossas vidas a Deus e descobrindo o toque da Sua mão em cada momento. Não há nada fora da história de Deus. Portanto... a minha história de vida é o feio e o bonito: o bonito brilhando através do que é feio. E, de alguma forma, os dois parecem estar ligados.

**Verdade, realidade?** O que são? Tornaram-se conceitos complexos num mundo onde as realidades e verdades paralelas são

inventadas. Nós já sabemos Quem é a verdade; não deveríamos inventar mundos e realidades à parte de quem Ele é.

Missão é lembrar e recontar a história de Deus ao participarmos inteiramente na sua realidade actual. Fazemo-lo recontando o que passou, separando o presente do passado e aprendendo a pensar, sentir e agir como resultado do que descobrimos. O passado é uma ferramenta de um profeta, uma ferramenta de interpretação. As minhas reflexões sobre as acções passadas de Deus ajudam-me a entender os acontecimentos actuais e a missão de Deus no agora.

No Velho Testamento, Deus é um Deus que se lembra: de quem nós somos, de como Se relaciona connosco, das Suas promessas. Deus também nos chama a lembrar os Seus actos na história. Curiosamente, tendemos a lembrar os tempos de escravidão e do exílio, os tempos difíceis. Os Salmos reflectem uma história, interpretando a humanidade na perspectiva de Deus.

Porque é que somos chamados a lembrar-nos dos tempos difíceis em vez de os ignorarmos? Porque é que devemos construir memoriais de lembrança? Podemos não os construir com pedras, como se fazia no Antigo Testamento. Os nossos memoriais podem ser construídos no formato de livros da MNI. E hoje, não temos apenas as 12 tribos; os livros são traduzidos para as muitas línguas representadas pela Igreja do Nazareno.

No Novo Testamento, Cristo ordena-nos que nos lembremos. Ele associa essas lembranças a um acto numa mesa (voltarei a falar sobre o “acto da mesa” ao longo do livro). O Espírito Santo ajuda-nos na importância do acto de lembrança, que se torna num encorajamento para o presente. No Velho Testamento, Deus era muito exigente sobre como o Seu povo deveria lembrar a sua narrativa. Não lembrar - ou lembrar mal - leva à perda de memória,



de quem é Deus, do que Cristo fez e de como o Espírito Santo se move. Isto leva ao desânimo, desespero, perda de paixão pela missão e falta de unidade. A abordagem humana às nossas divergências substituirá Aquele que nos mantém unidos. Esquecemo-nos de que Deus age no nosso meio, tanto na história humana como na história da Igreja do Nazareno. Corremos o risco de ficar surdos à Sua voz e esquecermo-nos do propósito da missão.

A nossa missão começou com uns quantos pescadores. Infelizmente, há quem deturpe a história usando-a como permissão para exagerar o “tão grande peixe”, ou tamanha quantidade, neste caso. Podemos chamar-lhe a “Síndrome do Peixe Grande”. Para aqueles que mentoreamos, é importante que não haja distorção da nossa história e objectivo missionário, por razão nenhuma. Como podemos ser confiáveis se as histórias recontadas não são verdadeiras? No relato dos 12 espiões que entraram em Canaã pela primeira vez<sup>5</sup>, 10 líderes exageraram a situação e Deus mostrou-se bastante desagradado.

***Somos encorajados a olhar para o passado e a lembrarmo-nos:*** “(...) estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas (...)”<sup>6</sup> Aqueles que de entre nós testemunham, têm dois tipos de espectadores: aqueles que testemunharam no passado através do seu sangue e sacrifício, parte da “nuvem de testemunhas”, e os espectadores presentes, as pessoas ao nosso redor, que nos observam enquanto corremos.

Somos a história de Deus para os mais novos (e às vezes para os que não são tão novos assim) que nos observam. O que é que vêem? Que história missional estamos a viver neste momento?

---

<sup>5</sup> Números 13-14

<sup>6</sup> Hebreus 12:1

Em criança, fui uma *testemunha*. O que se segue é um relato de algumas histórias e as minhas reflexões sobre essas histórias: retratos do passado que me moldaram no que sou hoje e de como interpreto o mundo. Testemunhar a acção de outros à minha volta tornou-se na minha fonte de encorajamento para permanecer fiel a Deus, Que continua a actuar na nossa história.

Do que se lembrarão as testemunhas da minha vida? Como contarão a minha história? Será que minha vida os encorajará a permanecerem fieis a Deus? Será a história de Deus em mim um encorajamento para as *testemunhas da minha vida*?

Há uma colecção de guias de viagem intitulada Eyewitness Travel Guides [Guias de Viagem das Testemunhas]. O seu antigo slogan era “O guia que lhe mostra o que outros apenas lhe podem contar - Testemunhar o mundo em primeira pessoa.” Nos capítulos seguintes, irá ler as minhas reflexões enquanto *testemunha* da acção de Deus na nossa história. Posso guiá-lo pelas minhas histórias, mas oro para que Deus use este livro para o ajudar - na sua vida, no seu tempo e no seu lugar - a ver o mundo enquanto *testemunha*.

# PASSANDO À ACÇÃO

- Considere o seguinte: Serão as minhas histórias as verdadeiras histórias do Evangelho, ou estarei eu a manipular o meu testemunho para ficar bem vista aos olhos dos outros?
- Procure oportunidades para contar a história da sua vida a alguém (amigos, família, congregação). Seja um “bom espião” nesta “terra” para eles; as pessoas a quem contar a sua história terão de tomar decisões hoje baseadas nos seus relatos de história passadas sobre Deus.

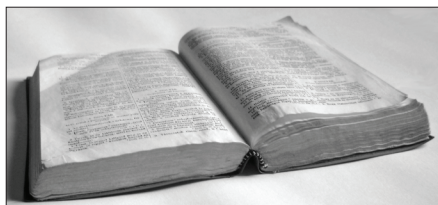




Não tínhamos qualquer ideia sobre a origem dos donativos que chegaram nos anos 70. Talvez esta seja uma resposta tardia, mas uma resposta é sempre útil:

Sim, as embalagens de sopa instantânea chegaram em segurança à nossa cozinha. Gostaríamos de expressar o nosso profundo agradecimento pelas caixas de roupa, comida, brinquedos e especialmente livros. Para ser sincera, os livros húngaros foram os de maior ajuda uma vez que não falávamos inglês, alemão, sueco ou holandês. As nossas desculpas.

A minha primeira Bíblia foi uma Bíblia de capa azul, contrabandeada, a qual ainda estimo. Sabe como há quem tenha uma lista dos seus heróis bíblicos predilectos e os ordene consoante aqueles que quer conhecer primeiro no céu? (Acho que até os nossos planos celestiais são um pouco afectados pelo fenómeno das



A Bíblia azul contrabandeada de Mária

celebridades.) Aqueles de nós que se atrevem a pensar em questões mais complexas, com certeza gostariam de perguntar às figuras bíblicas-chave, “Porque é que cometeu o

primeiro pecado?” ou “Sabe que tivemos de trabalhar duramente, sofrer e morrer uma morte penosa?”

Eu gostaria de encontrar no céu a pessoa que fez aquela Bíblia chegar até mim, o meu contrabandista de bíblias, e dizer-lhe:

Obrigado por contrabandear a minha primeira Bíblia. Que consequências sofreu pelo seu acto? Foi castigado? O que é que teve de abandonar para que aquelas bíblias pudessem chegar a mim e a outros? Saiba que valeu a pena. E saiba também, por favor, que eu segui o seu exemplo e ajudei a contrabandear Bíblias pelas fronteiras para as pessoas que falam húngaro.

Também tenho de falar sobre os pacotes da sopa instantânea que nos enviaram. Sinceramente, odiávamo-los. Nós estávamos habituados a preparar tudo o que comíamos - ervas, legumes, frutas, colhidas frescas do jardim. O pó esbranquiçado/amarelado que nos enviou era-nos completamente desconhecido. A sopa em pó foi um conceito difícil de digerir.

Embora não as tenhamos comido, as embalagens foram arrumadas nas prateleiras da cozinha como um símbolo de amor. Havia alguém que pensava em nós, que orava por

nós. Agradecemos pelas outras iguarias deliciosas que nos enviavam. Gostámos muito e comemo-las com gratidão. A verdade é que as comemos, mas já não me lembro o que eram. Da sopa, que não chegámos a comer, lembro-me perfeitamente. Não era comestível, mas era um símbolo precioso de amor. Portanto quero dizer-lhe que, apesar de não gostarmos da sopa instantânea que nos enviou, o seu amor tocou-nos muito. Trouxe-nos alegria e provou-nos que o Reino é forte e está continuamente em acção.

Um pacote de sopa instantânea pode ser um acto de amor, uma mensagem que diz: “estamos a orar por ti; conhecemos a tua dor e a tua fé”. É uma “mensagem empacotada”, que nos diz que há cristãos “para lá do muro” que sabem o que passamos. Que grande fonte de encorajamento!

Todos cometemos erros. Hoje, esperamos que as pessoas estejam mais informadas, mais culturalmente sensíveis e conscientes dos melhores métodos. Seria maravilhoso! Por exemplo, se os nossos irmãos tivessem acesso a informação que lhes dissesse qualquer coisa do género: “Não envie sopa instantânea para um país que tradicionalmente baseia a sua alimentação em sopa como a Hungria, onde as pessoas cozinham sopa fresca quase todos os dias. A sopa caseira é importantíssima para eles.”

Contudo, erros cometidos em amor podem ser redimidos por Deus. Se algo é dado e recebido em fé e amor, será uma fonte de força e encorajamento... mesmo um pacote de sopa instantânea.

Apesar de ter Bíblias mais bonitas agora, Bíblias com comentários, a minha primeira Bíblia tem o comentário de uma vida vivida com Deus e na Sua dependência. As anotações na minha

Bíblia são lições aprendidas em situações vividas na primeira pessoa. Não reflectem apenas boa informação, mas também medos, lágrimas, ameaças, dor física e milagres. A minha Bíblia azul tem comentários acrescentados um a um, à medida que fui crescendo. Há Bíblias com os mais variados nomes, o da minha seria: “A Bíblia com as Anotações da Minha Vida”.

Sempre me disseram quem devia odiar: aquele grupo, aquela nação. É tão cansativo pensar que, de acordo com o pensamento do mundo, haverá sempre uma nação, um grupo de pessoas, que eu devia estar programada para odiar. As pessoas adoram odiar outros grupos que não o seu. E esta notícia-não-tão-bom, de quem devemos odiar, tem-se espalhado no meio dos cristãos e através deles.

Mas quem me dirá quem devo amar? Quanto a isto oiço mensagens diferentes, mesmo dentro da igreja:

- Ama o teu próximo; odeia o teu inimigo.
- Ama o teu próximo; ora pelo teu inimigo e perdoa-o.

Se vivemos num mundo em que ainda hoje as “estradas romanas” nos ligam, agora na forma de fibra óptica ou satélites, usemos essas ligações para a missão, tal como os nossos antepassados. E se devemos amar o nosso próximo e orar pelos nossos inimigos, participemos nestas actividades para missões.

Uma das tradições da minha igreja local é um domingo mensal dedicado à MNI. Para cada mês, a igreja escolhe um país para estudar. Primeiro abordámos os países com trabalho nazareno, mas depois começámos a acrescentar outros países, onde a nossa igreja



não tem qualquer presença. (Para essas áreas, orámos por um possível trabalho clandestino ou por missões futuras.)

Cada família procura uma receita do país do mês, e prepara a comida para a refeição depois do tempo da adoração quando continuamos numa tarde de missões. O almoço da MNI começa com uma breve descrição dos pratos que nos são desconhecidos e depois comemos.

A pessoa que se inscreveu para representar o povo daquele país faz uma breve apresentação sobre o mesmo, 10 a 15 minutos, abordando o país, o povo, o trabalho nazareno e eventuais pedidos de oração. Depois oramos pela obra de Deus naquele país. O site da MNI<sup>7</sup> é de grande ajuda, mas também o da *NCN News*<sup>8</sup> e a revista online *Engage*<sup>9</sup>. No entanto, o contacto directo com os próprios distritos é a forma mais fácil e significativa de aprender acerca de cada um deles e, também, de lhes enviar uma curta mensagem: “Já ouvimos da vossa fé. Há cristãos e nazarenos a correr a corrida convosco e a orar por vocês.”

Nazarenos de vários países já nos enviaram receitas para os seus respectivos domingos, mas também histórias, saudações e testemunhos. O distrito da Holanda enviou-nos pedidos de oração detalhados por eventos no seu distrito. Em várias ocasiões, enviámos fotografias aos distritos da comida que preparámos e do convívio durante o almoço missionário. Um desses distritos reencaminhou a nossa mensagem para os seus pastores, acrescentando: “A igreja de Budapeste esteve a orar por nós no domingo passado.” Algumas dessas igrejas responderam, dizendo que a comida parecia autêntica.

---

<sup>7</sup> [www.nazarenemissions.org](http://www.nazarenemissions.org)

<sup>8</sup> [www.ncnnews.org](http://www.ncnnews.org)

<sup>9</sup> [www.engagemagazine.com](http://www.engagemagazine.com)

**Se nos sentássemos à mesma mesa, partiríamos o pão juntos, partilharíamos os pratos de cada cultura e recordaríamos cada uma das nossas histórias.** É difícil odiar, ignorar, desprezar ou menosprezar os outros quando nos sentamos à mesa com eles. Há países para os quais nem um pequeno pacote de sopa instantânea podemos enviar. No entanto, para aquelas pessoas em cujos países não podemos entrar, podemos sentar-nos à mesa com eles. Podemos agir em fé e partilhar uma mesa. “Um só Corpo, um só Espírito, uma só Esperança, um só Senhor, uma só Fé.” Este é o belo tema da Assembleia Geral da Igreja do Nazareno em 2017.

Não devemos trazer um espírito de divisão para a mesa. Nenhuma *pessoa* pode governar esta mesa; esta mesa não é *nossa*. *Nós* somos convidados, mesmo que tenhamos sido chamados para preparar a mesa.

Folheio o nosso calendário das MNI e observo com quantos países já nos sentámos à mesa e comemos juntos. Mas podemos esperar mais domingos bons, porque temos a grande tarefa de partilhar a mesa com todos as áreas mundiais em que a Igreja do Nazareno tem presença ou todos os países em que Deus está a trabalhar.

Porque é que não nos familiarizamos com o que significa “partir o pão à mesa”? Assim, se o mundo se voltar a fragmentar, se Cortinas de Ferro, cordões policiais, vedações fronteiriças ou “muros de Berlim” se voltarem a erguer - virtualmente, fisicamente, ideologicamente, doutrinalmente ou politicamente - nós estaremos prontos. Se tivermos de enfrentar ódio instigado pelos governos ou até líderes religiosos, estaremos familiarizados com as histórias e a comida uns dos outros, porque aprendemos uns dos outros ao longo dos anos. E estaremos ainda sentados à mesma mesa sem divisão: “Um só Corpo, um só Espírito, uma só Esperança, um só Senhor, uma só Fé.”

# PASSANDO À ACÇÃO

- Aprenda sobre missões. Não fique na ignorância, mas também não se satisfaça com pensar somente acerca de missões (tornando-se muito bem informado). Também devemos fazer missão; uma missão requer acção. Não tenha medo de cometer erros em missão; participe na missão em fé e amor.
- Partilhe a sua mesa com alguém em nome de Jesus:
  - Uma vez por mês, prepare um prato de um país designado para a comunhão da igreja e faça uma oração pelo povo daquele país durante a adoração.
  - Faça o pão que se usa naquele país e parta-o com a sua família. Lembre-se que Cristo morreu por eles; são d'Ele. Pense nisto como se Cristo lhe tivesse pedido que preparasse a mesa em nome do anfitrião e lembre-se de que são convidados daquele país, seja vizinho ou inimigo. Durante a refeição, converse sobre o conceito de hospitalidade de Henri Nouwen, como referenciado aqui:
    - Hospitalidade (...) significa primeiramente a criação de um espaço aberto em que o estranho possa entrar e tornar-se um amigo em vez de um inimigo. Hospitalidade não é mudar as pessoas, mas oferecer-lhes um lugar onde a mudança possa acontecer. Não é trazer homens e mulheres para o nosso ponto de vista, mas oferecer-lhes liberdade intocada pelas linhas que nos dividem. Não é para levar o nosso vizinho a um ponto em que não há alternativas, mas abrir-lhe uma panóplia de opções

e comprometimento. Não é uma intimidação educada com bons livros, boas histórias e boas obras, mas a libertação de corações medrosos, para que as palavras possam ganhar raízes e dar fruto. Não é um método de fazer do nosso Deus e da nossa opinião o critério da felicidade, mas a oportunidade para outros descobrirem Deus e o caminho deles. O paradoxo da hospitalidade é querer criar um vazio, mas um vazio amigável, onde estranhos podem entrar e descobrir-se a si próprios como originalmente criados - livres; livres para cantar as suas canções, falar sua língua, dançar as suas danças; livres também para sair e seguir as suas próprias vocações. A hospitalidade não é um convite subtil para adoptar o estilo de vida do anfitrião, mas a dádiva de uma oportunidade para o convidado descobrir o seu próprio estilo.<sup>10</sup>

- Como é que pode proporcionar um espaço onde a mudança possa acontecer?
- Como é que pode criar oportunidades para que outros “descubram Deus e o caminho deles”?
- Como é que pode orar por aqueles que considera “inimigos”?
  - Há países em que não podemos entrar com o Evangelho, para onde é difícil enviar recursos cristãos - livros, finanças, missionários e transmissões - de forma convencional. Como podemos ter comunhão com eles sem os conhecermos? Começamos por preparar a mesa nas nossas igrejas, como se estivéssemos todos juntos à volta da mesa, e oramos por eles.

---

<sup>10</sup> Henri Nouwen, *Reaching Out: The Three Movements in the Spiritual Life* (New York: Doubleday, 1975), 68.

## **Junte-se a Mim à Mesa**

Há pouco leu a minha nota de agradecimento pela minha primeira Bíblia e pela sopa instantânea. Em troca, gostaria de lhe oferecer uma “sopa no papel”: uma receita, enviada por um país agora livre de censura. Se quiser “comer à nossa mesa” sinta-se à vontade para a usar; e, ao juntar-se a nós, guarde-nos em oração. Desfrute de nossa hospitalidade!

## **Sopa de Pêssego ou Morango**

*Uma Sopa de Fruta Fria para os Verões Quentes - favorita dos superintendentes distritais nazarenos*

### **Ingredientes para a sopa de pêssego:**

1Kg de pêssegos  
2l de leite  
2dl de natas para bater  
20g de açúcar baunilhado<sup>11</sup>  
2 a 3 colheres de sopa de açúcar  
Chantilly  
Amêndoas laminadas

### **Preparação:**

1. Pique 0,5Kg de pêssegos.
2. Misture-os a 1,5l de leite.
3. Adicione as natas e bata.

---

<sup>11</sup> O açúcar baunilhado pode ser de compra ou preparado em casa. Combine aproximadamente 2 chávenas de açúcar branco com as sementes raspadas de uma vagem de baunilha. Ou adicione 1 ou 2 vagens a um recipiente hermético com açúcar branco; deixe que a mistura amadureça durante aproximadamente duas semanas; substitua o açúcar à medida que vai usando porque as vagens duram indefinidamente.

4. Adicione o açúcar baunilhado e o normal.
5. Adicione o leite restante.
6. Pique e adicione o resto dos pêssegos.
7. Esfriar antes de servir.
8. Sirva com chantilly e amêndoas ou com gelado de baunilha.

### **Ingredientes para a sopa de morango:**

800g de morangos

30g (2 colheres de sopa) de açúcar baunilhado

3dl de natas para bater

1l de leite (se for fresco é melhor)

5 colheres de sopa de açúcar branco

### **Preparação:**

1. Coloque 600g de morangos, o açúcar branco e o baunilhado e um pouco de leite no liquidificador.
2. Bata lentamente, para que a fruta se misture bem com os outros ingredientes.
3. Adicione as natas e bata mais um pouco para engrossar a sopa.
4. Adicione o restante leite.
5. Deite a sopa numa taça de servir e adicione o resto da fruta cortada em pedaços.
6. Leve ao frigorífico durante meia hora.
7. Servir com chantilly e amêndoas laminadas dispostas em tigelas à mesa. Cada um pode decorar a sua sopa como quiser.
8. Opcional: Sirva gelado de baunilha e outras frutas frescas como opções adicionais de decoração. O gelado de baunilha vai acentuar o sabor e enriquecê-la

**Varição:** Esta receita também é boa com outros frutos silvestres, frutos do bosque ou pêssegos. Com algumas frutas, como ginjas, maçãs, pêras e groselhas, cozinhamo-las previamente, adicionando sumo de limão, cravinho e canela a gosto. Após a cozedura, refrigere e depois siga a receita.

Podem encontrar mais receitas no apêndice, página 161.







Nas histórias de perseguição, há pelo menos dois grupos de intervenientes - os perseguidos e os perseguidores. Em Budapeste, na Hungria, há um museu sobre o comunismo e o nazismo, a Casa do Terror. Ao entrar no museu, vê-se uma grande parede coberta de fotografias: o muro das vítimas. Estão todos mortos. Na cave da Casa do Terror há outra grande parede coberta de fotografias: o muro dos agressores. Algumas destas pessoas ainda estão vivas. O museu fica na Avenida Andrásy, na antiga sede do partido Nazi húngaro (também chamado Partido da Cruz Flechada), e é património da humanidade<sup>12</sup>. Mais tarde, o edifício serviu de sede para a autoridade de protecção do estado (a polícia secreta); a cave era uma prisão, câmara de tortura e local de execução, durante o regime comunista e até 1956. Agora, a Casa do Terror é um lugar

---

<sup>12</sup> Um património da humanidade é um monumento que foi oficialmente reconhecido pelas Nações Unidas, particularmente pela UNESCO. Os locais são seleccionados pela sua relevância cultural, histórica, científica ou outra, e estão legalmente protegidos por tratados internacionais.

de lembrança com dois grandes muros - um para as vítimas e outro para os agressores.

Missões é aprender uns com os outros. Um grupo encoraja o outro através da oração e da oferta; o outro grupo fala sobre as lições aprendidas através do sofrimento. Todos temos de aprender a viver em liberdade; no entanto, conosco pode aprender como viver na falta de liberdade. O apóstolo Paulo declarou a importância de viver pela fé nos extremos da vida: “(...) aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece.”<sup>13</sup> “Ensinar uns aos outros na liberdade e no exílio” é uma lição que todos temos de aprender. Nenhuma nação pode saber o que o futuro lhe reserva; temos de estar prontos.



Uma pequena parte do Muro das Vítimas na Casa do Terror em Budapeste

<sup>13</sup> Filipenses 4:11-13

Estou certa de que as pessoas em todo o mundo se perguntaram o que estaria por detrás da Cortina de Ferro. Alguns de vós terão questionado: “O que estará por trás destas vedações que nos separam - vedações criadas por governos, pelos nossos medos e pelas nossas divergências religiosas?” Estávamos separados e fomos ensinados que “os outros” eram o inimigo e que representavam uma ameaça.

Quando penso na vida por trás da Cortina de Ferro, lembro-me de **sonhar e de ter esperança...**

Em criança, pensava que o mundo se dividia em duas zonas: a zona em que os cristãos eram livres para adorar e a zona onde não eram. Na nossa infância, muitas vezes brincávamos às igrejas em nossa casa; tínhamos inveja de alguns de vós. Eu acreditava em dois lugares perfeitos: o paraíso, como o lugar perfeito que está “além” do nosso mundo, e outro, do outro lado da Cortina de Ferro - um mundo grande e livre: um mundo grande, livre e *perfeito*. Bom, ainda acredito que um destes é perfeito.

Por detrás das nossas caras temos sonhos, esperanças, inveja e anseios. Alguns de *nós* são os sonhadores e alguns de *vós* o objecto desses sonhos.

Mas o que estava por detrás da Cortina de Ferro, no passado, e das vedações de hoje em dia? **Muito medo**. Hoje, quando penso nos que são perseguidos, lembro-me do medo e da paz aparente, mas ilusória, que existe ao mesmo tempo. Os seus medos, o meu medo. A minha paz, a sua paz.

Naqueles dias, o propósito de tudo era enganar, aterrorizar, rebaixar, desumanizar e antagonizar. Era uma realidade baseada no medo.

Em criança, quase mensalmente, via chegar o grande carro preto e era instruída para ir imediatamente para dentro de casa e ficar quieta. O meu pai era levado e regressava normalmente umas horas depois. Mas nunca sabíamos se regressaria mesmo, porque, às vezes, quando viajava, era detido durante vários dias. Ainda me lembro do sentimento indescritível que se apoderava de mim quando o meu pai desaparecia dias seguidos.

Na minha infância a perseguição era feita de mentiras, segredos, ódio e medo.

Uma das maiores lições que aprendi deu-se num “encontro com os nossos perseguidores, por altura da Páscoa”. Os cristãos que me rodeavam ensinaram-me a lidar com o medo ainda em criança.

Era Quinta-feira da Semana Santa, a igreja estava reunida para um estudo bíblico e um pequeno culto. Dois polícias armados interromperam a reunião. O meu pai explicou-lhes que tínhamos autorização para nos juntarmos em adoração dentro daquelas quatro paredes. (Estávamos “apenas” proibidos de *converter*; éramos livres de ir à igreja, mas aquela liberdade tinha um alto preço, perdíamos oportunidades académicas e de trabalho, ou tínhamos de mudar de casa frequentemente.) O meu pai pediu-lhes que se sentassem ou que regressassem no fim do culto. Os intrusos não aproveitaram a oportunidade para aprenderem mais sobre a Bíblia; mas assim que o meu pai disse “amém”, eles estavam à porta.

Os polícias ordenaram que permanecêssemos nos nossos lugares, pois tinham um anúncio invulgar. Foi assustador para nós, crianças, mas observávamos atentamente os adultos. (Acho que foi neste momento que a escola dominical das crianças *realmente* começou: “Meninos, o que devemos fazer quando temos medo?”)

Um dos agentes ordenou: “Vão sair da igreja um a um, deixando connosco os vossos nomes completos e moradas”. Todos sabíamos que ao fornecer estes dados poderíamos ser levados a qualquer momento. Não era raro haver “desaparecimentos” depois das autoridades se mostrarem tão interessadas em algum membro da comunidade. Na década de 70, era uma tática de terror, usada para ameaçar cristãos para que sentissem que ser religioso não valia a pena o esforço.

Fez-se silêncio. Ninguém se mexeu. (A nossa lição estava a desenrolar-se à nossa frente!)

A D. Kovács, uma senhora de meia idade, levantou-se e caminhou em direcção aos polícias. Deu-lhes o seu nome completo e a sua morada, e caminhou para a porta para se ir embora. Mesmo quase a sair virou-se para trás.

“Já agora, o meu marido ama o Senhor”, disse ela com firmeza, “mas infelizmente está a trabalhar e não pôde estar aqui hoje. Se não fosse isso, teria vindo. Pode anotar também o seu nome? A morada é a mesma. Ah, e os meus filhos! Eles amam mesmo o Senhor... São cristãos fortes.” E ela assim continuou a nomear familiares que não estavam presentes, mas que amavam o Senhor e teriam vindo, se não fossem outros compromissos.

Os polícias, que queriam instigar medo, estavam intrigados com a resposta da D. Kovács. Uma a uma, as pessoas da igreja avançaram, ditando os seus nomes e moradas, e dos seus amigos, parentes e vizinhos que não estavam presentes naquela noite.

Os polícias tiveram de escrever tudo. Afinal, juntar informação sobre todas estas pessoas era a chave para que o sistema de indução de medo funcionasse. A situação resultou em longas horas de trabalho para aqueles polícias. Os membros da

congregação foram mutuamente encorajados pela sua fé; ao saírem do edifício, alguns ainda acrescentaram: “Ah, e estamos quase na Páscoa. Tenham uma celebração da ressurreição abençoada. Cristo ressuscitou!”

Foi preciso muita coragem para que este corpo de crentes concretizasse o feito.

O meu nome está algures naquela lista escrita pelo polícia; os meus pais forneceram os meus dados em fé. Mas eu não fui a heroína desta história, era apenas uma *testemunha* - um membro da geração seguinte a aprender sobre coragem.

Obrigado, adultos, por esta lição! Nunca me esquecerei. Tem-me ajudado na minha vida e no meu ministério pastoral. Eu fui uma testemunha da fé da geração anterior.

Também notei que haviam diferentes tipos de adultos à nossa volta. Por trás da Cortina de Ferro todos tinham algum tipo de medo. Havia aqueles que tinham medo e ódio nos seus olhos (os opressores). E havia aqueles que tinham medo e amor nos seus olhos (os cristãos oprimidos).

O amor era a única coisa que distinguia os discípulos de Cristo naquele mundo louco. De todos os medos que nós, cristãos, experimentamos hoje, teremos medo e ódio ou medo e amor?

Hoje, quando oro pelos perseguidos, também penso **nos que perseguem**. O medo deles não é acompanhado pela paz que vem de cima; o ódio é alimentado pelo medo. Penso nos homens e mulheres que usam uniformes, que pensam que têm poder e servem alguém que finge ser maior do que Cristo, mas que é, no entanto, Seu inimigo.

Tenho de ser sincera convosco - quando vejo alguém de uniforme, ainda reajo de forma diferente de qualquer outra pessoa que não tenha andado a fugir de casa em casa a meio da noite. Nós, enquanto cristãos, tentávamos salvar as nossas vidas. Quando nos escondíamos num quarto escuro, a minha mãe e as minhas irmãs mais velhas tinham medo que um dos mais novos chorasse ou tosse. Elas sabiam que o mais pequeno som seria ouvido pelos que marchavam pela nossa casa e que eles se deliciavam ao pensar em cumprir a ordem que lhes havia sido dada, a de nos matar. Lembrome de desejar que fôssemos todos invisíveis e mudos.

À medida que fui crescendo, percebi que todos tínhamos medo, até os perseguidores. Pense nisto, Cristo foi perseguido sob a ordem dos que tinham autoridade; eles tinham medo Dele. Se examinar os perseguidores, chegará à conclusão que o medo deles é maior do que o dos perseguidos. Não apenas isso, mas o seu medo é eterno, a menos que conheçam o Único que nos livra de todos os medos.

Paro para pensar naqueles que começaram por nos perseguir, mas que acabaram por se juntar a nós em adoração. Quando somos tentados a temer aqueles que nos oprimem, devemos ter em conta que poderá haver um apóstolo por detrás daqueles olhos opressores. Eles são *testemunhas* das nossas vidas, tal como eu era *testemunha* daqueles que estavam à minha volta.

Os agressores observam-nos. Há muito tempo, um soldado romano disse, “verdadeiramente este era o Filho de Deus”.<sup>14</sup> Outra testemunha que passou de perseguidor a perseguido - de Saulo a Paulo. Não é estranho que a morte de um seja a salvação de outro, que matar alguém pela sua fé se torne numa forma de evangelismo não planeada?

---

<sup>14</sup> Mateus 27:54

A nossa resposta sobre o que fazer com os perseguidores pode ser simples, quando respondida num encontro de estudo bíblico em que todos têm bíblias bonitas, há café e os participantes vivem vidas relativamente confortáveis. A resposta torna-se difícil quando os perseguidores são quem *vos* oprime directamente, quando sofrem às mãos *deles* e, particularmente, se eles ainda vivem “felizes para sempre”.

Mas a resposta torna-se menos problemática se considerarmos que a perseguição e o sofrimento não têm a ver connosco. Cristo é o único que é realmente perseguido, não nós. Os perseguidores não andam atrás de nós, mas atrás de Cristo em nós.

Por exemplo, no comunismo, todo o trabalho com crianças e jovens era proibido, não era permitido evangelizá-los. O que é a Igreja de Cristo sem evangelismo? Naquela época, dizia-se que dentro de 10 anos qualquer evidência do cristianismo teria desaparecido na Hungria.

João respondeu a tal pensamento: “Eu sou o Alfa e o Ómega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso. Eu, João, que também sou vosso irmão e companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo.”<sup>15</sup>

As missões testemunham àqueles que são hostis ao cristianismo. Também lhes dá a oportunidade de observarem, de testemunharem. Permite aos perseguidores dialogarem com Jesus:

“Saulo, Saulo, por que me persegues?”

---

<sup>15</sup> Apocalipse 1:8-9 Curiosamente, o poeta russo Vladimir Mayakovsky parece ter feito um paralelo com este pensamento quando escreveu: "Lenin viveu, Lenin vive, Lenin viverá para sempre."



“Quem és, Senhor?”

“Eu sou Jesus, a quem tu persegues.”<sup>16</sup>

Jesus não diz, “Eu sou Jesus, o Senhor daqueles a quem tu persegues.” Mas antes, “Eu sou Quem tu persegues.”

Qual é a sua missão? Quem são as pessoas à sua volta? Quem testemunha o seu comportamento quando os seus direitos lhe são retirados? Há futuros “Paulos” entre os opressores de hoje, porque Cristo continua a aparecer e a parar os assassinos da fé. Cristo fala com os perseguidores. Não faça com que o trabalho Dele seja em vão. Sim, pode ter medo, mas medo e ódio não devem ser a nossa marca. *O nosso* medo deve andar de mãos dadas com o amor.

Perdoar é um trabalho difícil. E é ainda mais complicado quando aqueles a quem devemos o perdão estão vivos. Não podemos procurar vingança, sabendo que estas pessoas estão espiritualmente perdidas. Alguns países enfrentam *um engarrafamento na estrada para Damasco*, é assim que o escritor húngaro Péter Esterházy descreve o fenómeno de tão grande reviravolta de acontecimentos.

A juntar ao desafio estão aqueles perseguidores que desejam o desaparecimento do cristianismo num espaço de 10 anos, mas que têm mudado de atitude ao encontrarem Jesus e eventualmente se sentam nos bancos da igreja connosco. Eram espíões, os nossos opressores, aqueles que “guardavam as nossas roupas”, como Saulo antes do episódio na estrada de Damasco.

Mas também há os cristãos que permitiram a nossa perseguição, que observaram o nosso pior sofrimento, sabendo e recusando

---

<sup>16</sup> Baseado em Actos 9:4-5.

juntarem-se a nós. Quero perguntar-lhes: “Onde estava quando fomos aterrorizados e perseguidos, quando sofremos tanto?”

“Estava a observar-vos nos baptismos no rio Tisza, guardando as armas, pronto para prender quem quer que fosse.”

“Dei a ordem e escrevi relatórios sobre vocês.”

“Estava encarregado de espiar o teu pai.”

Tal como Saulo, que guardava as roupas no apedrejamento de Estevão, eles terão de admitir que foram *testemunhas* e que, mais tarde, foram salvos por isso. Estes milagres estão sempre a acontecer - Saulos que se transformam em Paulos.

No entanto, noutros países, não passa ninguém na estrada de Damasco, porque como diz um jornalista húngaro, Gergő Süveges, a conversão não é compatível ou politicamente correcta. Alguns de vós são de países onde os cristãos não são perseguidos; no entanto, as igrejas sofrem porque as culturas já não são compatíveis com o cristianismo e as pessoas perderam a sua fé.

Lembre-se, é a Cristo que odeiam, não é a si; e a perseguição foi profetizada. “(...) Eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece”<sup>17</sup>, “(...) todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições.”<sup>18</sup> “(...) Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós”.<sup>19</sup> Será que isto nos ajuda a entender como nos relacionamos com eles?

Depois de tantos anos, os uniformes ainda me assustam. Recentemente, tive a oportunidade de estar com pessoas cujos olhos

---

<sup>17</sup> João 15:19

<sup>18</sup> 2 Timóteo 3:12

<sup>19</sup> João 15:20

mostravam estas mesmas emoções. Com certeza que nós nos assemelhámos àquelas pessoas de uniforme de há anos atrás.

Desta vez, era eu que levava vestido o “uniforme de branca, cristã e europeia”, o uniforme que representava uma determinada atitude para com os oprimidos. Para mim, alcançá-los foi uma experiência marcante; por detrás daqueles olhos que me fitavam, vi-me a mim própria, há muitos anos, numa estação de caminho de ferro. Lembrei-me do medo, de ter esperança *pela* esperança.

A este grupo chamaram “migrantes”, os “indesejados”. Tinham-nos dito para termos medo e resultou: olhámos para eles com ansiedade e eles retribuíram com terror. Dizer às pessoas que devem ter medo de alguém é uma estratégia bem-sucedida. *As pessoas adoram odiar.*

Centenas de olhares desconhecidos analisavam os locais à medida que iam passando. Nós sentíamos esses olhares; quando os nossos olhos se encontravam, eles esperavam pela nossa reacção. Nós sorriámos ou acenávamos amigavelmente e o aceno era retribuído.

Aproximámo-nos. “Eles” estavam por trás de uma fita de segurança colocada pela polícia. (Há sempre barreiras - vedações, cortinas, muros ou fitas - construídas com medo e ódio.) Estavam sentados no chão da estação: homens fortes, homens doentes, homens de meia-idade, mulheres, crianças, famílias, rapazes pequenos enviados pelas suas famílias para um mundo melhor, mulheres grávidas.

Aproximámo-nos o mais possível e sentámo-nos também no chão, com a fita de segurança entre nós. De repente, “os outros” transformaram-se em pessoas com nomes e histórias de vida. Nós contámos a nossa história; eles partilharam a deles. Mostraram-nos as poucas fotografias que traziam no bolso e apresentaram-nos os restantes membros da família. O que se seguiu foi uma discussão

animada sobre o que deixaram para trás, porque é que fugiram, onde queriam ir, esperanças e medos. Partilhámos sanduiches.

Nessa mesma semana tinha trocado de telemóvel. Queria tirar uma fotografia com o grupo, mas ainda não sabia bem como utilizar o telemóvel novo. Um homem sírio - engenheiro, no seu país - ensinou-me.

Sim, estava vestida com o “uniforme de cristã europeia”. Mas foi terapêutico poder sentar-me no chão com aquelas pessoas assustadas à procura de esperança. Eu já tinha pertencido à sua minoria; já havia sido a marginalizada, “indesejada”. Agora encontrava-me na maioria, com estranhos do outro lado da fita.



Mária (à direita) com os refugiados  
(rostos ocultados para proteger os que ainda estão em transição)

Que mais estava por detrás da Cortina de Ferro? **Estava Deus em acção.** Mesmo nos lugares que não podemos alcançar, para onde não podemos enviar comida, Deus está em acção.

Quando intercederem pela igreja perseguida, “lembrai-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles, e dos maltratados, como sendo-o vós mesmos também no corpo.”<sup>20</sup> Não implore apenas a Deus, pedindo-Lhe pelos que estão a sofrer; lembre-se também de O louvar. Por exemplo, eu lembro-me várias vezes dos milagres que podem acontecer durante a perseguição e agradeço pela presença de Deus no meio do sofrimento das pessoas e pela forma como as pessoas sentem essa presença: o controlo de Deus, a paz, os poderes espirituais, a proximidade ao céu.

Quando e onde os cristãos são livres para trabalhar, eles trabalham arduamente. E quase sempre, no meio desse trabalho, o céu dissipa-se, torna-se distante.

Encorajo-o a interceder pelos perseguidos, porque eu vivi como qualquer um deles. Nós fomos alvo de assédio físico (um termo interessante comparado com a realidade horrífica que descreve) e perdemos oportunidade de ter uma educação. Não conseguíamos arranjar trabalho. Conheço a história de uma pessoa que foi retirada de um dormitório como pena pela conversão de um colega. As humilhações verbal e pública eram frequentes. Mas Deus estava connosco, os milagres aconteciam semanalmente e a Sua missão avançou.

Nos anos 70, o meu pai foi enviado para uma pequena aldeia para plantar uma igreja. Entre os primeiros convertidos estava uma mãe. Quando a sua família soube de tamanha “vergonha”, o filho e o marido quiseram dar uma lição ao meu pai e apressaram-se para nossa casa para o confrontar por ter arruinado as suas vidas ao converter um membro da família. Assim que o viram deram-lhe um murro. A força do golpe fez o meu pai perder o equilíbrio, mas

---

<sup>20</sup> Hebreus 13:3

permaneceu de pé, pacificamente, à sua frente. Os dois esperavam que ele retaliasse dando, assim, continuidade à briga. A fúria crescia dentro deles ao perceberem que ele não se moveria.

A notícia da alteração espalhou-se rapidamente (aquelas aldeias eram mais rápidas do que a internet hoje em dia). Várias pessoas sugeriram ao meu pai que relatasse o evento à polícia, ao que ele respondeu: “Uma alma vale muito sofrimento. A minha oração é que Deus traga um avivamento a esta aldeia.”

As notícias de que o “padre”<sup>21</sup> tinha sido agredido e não se defendera, nem apresentara queixa, continuavam a espalhar-se. Não houve luta. Como resultado, um grupo de pessoas foi à igreja no domingo seguinte, arriscando empregos, riqueza, segurança e a ira dos seus familiares. A tasca da aldeia tornou-se o “servidor” do Evangelho uma vez que os homens viris iam para lá discutir se o meu pai deveria ou não ter-se defendido e o que fazer em situações idênticas. Não era próprio de um homem jovem e forte!

Em retrospectiva e enquanto pastora, penso na estratégia missional da Igreja do Nazareno de Budapeste - os orçamentos, os planos, as estatísticas e os convites. Também reflito na preparação ministerial nazarena, tendo ajudado a desenvolver o programa do nosso centro de estudos. O que é que ensinamos acerca da igreja, do evangelismo e da missão? O evangelismo pode começar com um estalo na cara. O inimigo tratará de organizar a multidão. Não é necessária nenhuma comissão organizadora; às vezes as pessoas vêm até si. Quando uma “não-briga” acontece, o Evangelho espalha-se pelo bar local através de homens zangados e intrigados.

---

<sup>21</sup> Eles chamavam a todos os ministros, padres.

Esta parecia ser a verdade durante os anos em que vivemos naquela aldeia. A grande maioria dos eventos da igreja gerava um debate aceso na tasca. Praticamente todas as tentativas de homicídio eram planeadas por lá, como também as conversas que se seguiam a tais acontecimentos. Os homens que frequentavam a tasca eram perseguidores - mas não só, eram também *testemunhas*. Era ali que a missão acontecia.

O Comunismo Goulash era estranho. O partido orgulhava-se da liberdade húngara. Mas esta liberdade era frágil - cuidadosamente guardada, revista e controlada pelo partido. A liberdade só era permitida dentro das paredes da igreja; e mesmo aí era escrutinada.

O comunismo protegia as crianças e os jovens acima de tudo. As pessoas de fé não estavam autorizadas a educar as gerações mais novas, porque o partido usava a educação como ferramenta doutrinária.

Os baptismos eram frequentes porque haviam novos convertidos diariamente. Já que era a única forma de testemunho público permitida pelo partido, a igreja ansiava por baptizá-los o mais rapidamente possível. Os cultos eram levados a cabo num rio próximo de nós, para que todos pudessem assistir.

O processo decorria assim: a igreja planeava o culto de baptismos e pedia autorização para o fazer, a qual era concedida. (Afinal, havia *liberdade* no nosso felicíssimo país.) Ao mesmo tempo, um “ataque surpresa” era organizado para impedir que o culto acontecesse. O KISZ (Aliança de Jovens Comunistas) recebia ordem de organizar um evento no mesmo local e data que o culto, mas uma hora antes. Portanto, duas autorizações eram dadas “acidentalmente”; tudo sem que a igreja desconfiasse.

No dia marcado, a congregação marchava pela aldeia em direcção à parte mais rasa do rio. Os activistas do partido, satisfeitos

com o seu plano, sabiam que tinham feito um bom trabalho - os crentes não poderiam fazer o seu culto e a liderança do partido não os podia condenar porque tinham dado autorização para o evento. A liberdade da igreja era respeitada; os agentes encarregues das autorizações é que tinham cometido um erro!

Desta vez a igreja chegou ao rio e deparou-se com a multidão de jovens comunistas (estudantes e jovens adultos) no lugar onde, supostamente, seria o culto. Alguns membros da igreja estavam prontos a ir pelo caminho mais fácil (como tem sido nos últimos 2000 anos): “Deus, manda-os embora”; “Vamos cancelar o culto, Senhor”; “Que pena os novos convertidos terem de voltar para a aldeia com as suas vestes brancas, sem terem sido baptizados!”.

Sim, os não crentes da aldeia achariam uma bela piada. Seríamos gozados com certeza. Seria um espectáculo, um evento a ser lembrado por vários meses! Não tínhamos um manual de instruções sobre como lidar com situações destas: deveríamos cantar enquanto





marchávamos pela aldeia, depois de um culto de batismos cancelado, com as vestes *bem secas*?

Mas nós não cancelámos o culto. Os líderes da igreja pediram ao barqueiro que nos levasse para a outra margem - várias viagens, uma vez que o nosso grupo era grande e o barco não. A princípio recusou, mas acabou por mudar de ideias e lá nos levou em pequenos grupos, um de cada vez. (Teria sido difícil alguém atrasar-se para este culto!)

Finalmente estávamos prontos para começar o culto e sabíamos que seria um teste. Foi difícil estabelecer um sítio, porque aquela margem não era plana; a água ali era profunda e nós não conhecíamos as correntes do rio. A congregação ficou no cimo da margem, longe do rio; o meu pai desceu a íngreme encosta e entrou na água. A sua oração de abertura não foi apenas uma oração cerimonial, foi uma verdadeira oração em fé para que o lugar escolhido por eles fosse o correcto, para que o rio não fosse fundo demais e fosse seguro e principalmente, para que ninguém se perdesse! Um a um, os novos convertidos desceram a margem até ao rio.

Quando o culto começou, os jovens do outro lado do rio cantavam canções comunistas em voz alta; do nosso lado, começámos a cantar hinos. À medida que o culto avançava, os jovens comunistas foram abafados e o barqueiro começou a fazer outra vez as viagens de uma margem do rio para a outra.



O lado mais raso do rio foi ficando sossegado e vazio, à medida que os jovens vinham para o nosso lado, querendo saber que evento era aquele. Eles participaram no seu primeiro culto cristão, observaram o batismo de cristãos e ouviram testemunhos de uma salvação que só existe em Cristo. O que começou por ser um culto de batismos naquela manhã, por volta do meio-dia já era um culto evangelístico para os jovens comunistas.

*Deus amou o mundo de tal maneira, amou-os a eles - os jovens comunistas - ali - no rio Tisza - e naquela altura - durante a ditadura comunista. Deus amou tanto os que impediam o culto, como os que estavam a ser batizados. Ele tinha uma missão nas duas margens do rio.*

O que é missão? Onde acontece? Qual é o nosso papel na missão de Deus?

*Pergunta:* Como é que se faz um evento evangelístico ao ar livre numa ditadura comunista, em que o evangelismo é proibido?

*Resposta:* O partido organiza-o. Deus usa os esquemas do inimigo para convidar todos os que precisam de ouvir o Evangelho. É assim que *alcançamos* as pessoas, mesmo quando não *podemos*.

O opressor é frequentemente uma testemunha, um campo de missão. É em tempos de sofrimento e dificuldades que o Evangelho fala. Nesses tempos, se falarmos com amor, mesmo estando aterrorizados, Deus age.

Para os lugares que não podemos alcançar neste momento, Deus dá sonhos e visões ao Seu povo e usa os opressores para o Seu trabalho. É por estas razões que as “cortinas”, vedações, muros e áreas de acesso criativo, existem.

Não estou a lamentar-me dizendo que “quero voltar para o Egipto”, mas a **perseguição não é o pior que pode acontecer a uma pessoa**. Ganhar o mundo e perder a nossa alma<sup>22</sup> é pior. Proporcionar o melhor para os nossos filhos e perder as suas almas é pior. Viver confortavelmente e não experimentar a acção de Deus é pior.

E se “fizemos” missões a vida toda e chegarmos ao julgamento final e Deus nos disser “porque tive fome, e não Me destes de comer; tive sede, e não Me destes de beber”<sup>23</sup>, não Me sentaste à tua mesa, não Me viste como um estranho, não Me reconheceste? O que alimentaste não fui Eu, foi o teu ego e a tua reputação cristã. Só o fizeste quando eras observado, quando te elevava aos olhos dos outros. A tua pegada missiológica, que pensavas ser tão grande, fez mais mal que bem.”

### **O amor é a diferença; o ódio é o sinal.**

Jesus ousou desafiar muitas coisas, mas nunca com um sentimento “anti-romano”. Ele era apaixonado - não por demonstrar como derrotar aqueles que seguiam o inimigo, mas por mostrar aos Seus seguidores como amar os outros.

Devemos aprender com Cristo, o nosso exemplo, e examinar o que andamos a dizer sobre os nossos opressores. Estamos, quase sempre, prontos a odiar o inimigo; mas, esta tarefa só nos mantém ocupados e distraídos, impedindo que Deus nos mostre as nossas próprias falhas.

Anos depois do sofrimento dos meus pais e avós, fomos a um funeral. O meu pai ia officiar o enterro com outro ministro de uma igreja histórica<sup>24</sup> na Hungria, o meu avô estava connosco.

---

<sup>22</sup> Marcos 8:36

<sup>23</sup> Mateus 25:42

<sup>24</sup> O nome da igreja é omitido para evitar falar mal de alguém.

O meu avô tinha sido um *kulak*, um agricultor abastado; as suas terras foram confiscadas pelos comunistas, que não acreditam na posse privada de bens, e ele perdeu toda a sua riqueza. Mais tarde, quando o meu avô se converteu, foi de tal forma transformado que se tornou um crente com uma paixão ardente, que cantava e adorava Deus apesar de tudo o resto. Ele foi preso e espancado por causa da sua fé; e ali continuou a evangelizar com o seu alegre cantar.

Infelizmente, um ministro esteve por trás da prisão do avô. Às vezes, *nós, cristãos*, oprimimos e perseguimos *os próprios cristãos*. Estamos divididos.

Quando o funeral acabou, o meu avô levou o meu pai até ao ministro que tinha oficiado o mesmo e disse: “Posso apresentar-lhe o meu filho?”

“Ah, parabéns!”, disse o ministro. “Foi um sermão poderoso! O seu filho tornou-se um grande pregador!”

“Também acho”, disse o meu avô com um sorriso. - “Considera que o facto do meu filho seguir Cristo, possa ser fruto do meu sofrimento e prisão por causa da minha fé? Concorda que o meu sofrimento por Cristo valeu a pena?” O meu avô tinha tido conhecimento que este era o ministro que ordenou a sua prisão.

O ministro, envergonhado, permaneceu imóvel e disse: “Sim, acho que tudo valeu muito a pena. Tenho inveja de si.”

*A testemunha.* Toda a gente nos observa. O evangelismo e as missões acontecem, mesmo que sejam planeados pelo inimigo. C. S. Lewis estava certo, quando escreveu: “Todos pensam que o perdão é uma ideia maravilhosa, até que tenham de perdoar alguém.”<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> C.S. Lewis. Mere Christianity: © 1952, [www.dacc.edu/assets/pdfs/PCM/merechristianitylewis.pdf](http://www.dacc.edu/assets/pdfs/PCM/merechristianitylewis.pdf) (27 de Setembro de 2016), 53.

Cristo perdoou aqueles que O crucificaram. Que exemplo poderoso! E que testemunho poderoso para os seguidores de Cristo, o de perdoar quem nos faz mal, permitindo-lhes um tempo de graça. “Porque também vos compadecestes dos que estavam nas prisões e com gozo permitistes a espoliação dos vossos bens, sabendo que, em vós mesmos, tendes nos céus uma possessão melhor e permanente. Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa.”<sup>26</sup>

As pessoas muitas vezes pensam que o evangelismo só acontece quando se enviam convites, quando se imprimem programas atractivos e quando todo o planeamento do evento é organizado por uma comissão organizadora. Depois da crucificação, Pedro e os apóstolos oravam, partiam o pão, ensinavam e ouviam e esperavam... oravam, partiam o pão, ensinavam e ouviam e esperavam...

No Pentecostes, Pedro não enviou convites e mesmo assim havia uma multidão. Pedro não fez absolutamente nada, e o Espírito Santo veio. Pedro *continuou* sem fazer nada, e as pessoas começaram a comentar, a fazer perguntas, a dar as suas opiniões. **E foi aí** que veio a oportunidade de missão! Pedro levantou-se e interpretou os eventos tal como uma testemunha; fez trabalho missionário num contexto multicultural.

Quando uma estação de caminho de ferro está cheia de gente de inúmeros países falando línguas diferentes, pensamos: nós temos orado, temos partido o pão, recebido o ensinamento dos apóstolos, e esperado. Agora, a multidão está aqui. A multidão pode, ou não, ser composta pelos “partos e medos, elamitas e os que habitam na

---

<sup>26</sup> Hebreus 10:34-36

Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egipto e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses, e árabes”<sup>27</sup>; mas pode vir da Ásia oriental ou do sul, de África e dos Balcãs Ocidentais, e visitantes de países vizinhos que se juntaram aos viajantes. Estas nacionalidades compõem uma multidão de 60 milhões de pessoas desalojadas, entre os milhares que procuram asilo em todo o mundo.

Assim como Pedro teve de explicar o que estava a acontecer no Pentecostes, o nosso Pentecostes está a acontecer no meio dos refugiados, imigrantes e outros à nossa volta. Devemos ser intérpretes dos eventos mundiais para a nossa multidão. Devemos estar preparados para explicar quando nos perguntam “Que quer isto dizer?”<sup>28</sup>

O Espírito Santo usa os eventos do mundo para que haja salvação. Está preparado para que a multidão se reúna? Será uma testemunha do livro de Actos de quem alguns dirão que está bêbado<sup>29</sup>, enquanto outros ficarão “espantados e perplexos”?<sup>30</sup> Será a sua igreja uma testemunha quando a multidão perguntar: “Irmãos, que devemos fazer?”<sup>31</sup>

É sempre melhor ser uma vítima do que um agressor. A vítima tem o direito de defender a verdade, de suportar, de ir além do convencional e servir o opressor: “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe e comer; se tiver sede, dá-lhe de beber”.<sup>32</sup>

---

<sup>27</sup> Actos 2:9-11a

<sup>28</sup> Actos 2:12

<sup>29</sup> Actos 2:13

<sup>30</sup> Actos 2:12

<sup>31</sup> Actos 2:37, OL

<sup>32</sup> Romanos 12:20

## Reconciliação

Quando penso em reconciliação lembro-me do homem da parábola, a quem Deus perdoou as suas dívidas, mas o qual recusou perdoar as dívidas do seu servo.<sup>33</sup>

Reconciliação é o reconhecimento de que abusei do meu poder e autoridade e que pertenço a um país cujos antepassados fizeram o mesmo: mentiram, roubaram, mataram, confiscaram terras e adoraram ídolos. Eu pequei contra Deus. A constatação do meu sofrimento pessoal às mãos do comunismo não se compara à magnitude dos meus pecados. Eu sou cidadã de uma nação que oprimiu tantos e, tantos outros, talvez até o leitor, são cidadãos de nações que nos oprimiram.

Reconciliação é o reconhecimento de que sou um servo *liberto*, que não deve *vincular* os outros, mas que está, agora, vinculado a uma tarefa... a de libertar os outros.

A reconciliação com os outros seres humanos é a alegre celebração das minhas dívidas perdoadas. Qualquer outra atitude seria irracional e cruel.

A reconciliação é um relacionamento quebrado, transformado em algo bonito e amigável, quando deixa de ser um “*nós e eles*” e passa a ser apenas *nós* - pessoas com necessidade de reconciliação com Deus e uns com os outros.

Nesta parábola, a misericórdia e a graça expõe a crueldade. Precisamos de orar continuamente: “perdoa-nos, como nós perdoamos aos outros”.

Se vivemos como aqueles que são perdoados, os nossos pecados estarão sempre diante de nós. Como devemos responder aos eventos do mundo? Como deve o perdão afectar as nossas acções?

---

<sup>33</sup> Mateus 18:21-25

## **Mas nem todos os cristãos perdoam.**

Num dos cultos de baptismo ao ar livre, recebemos autorização do governo local para a realização do mesmo; no entanto, havia um grupo de pessoas incumbidas de matar o “padre” (o meu pai). O líder do grupo era um homem cuja esposa se havia tornado seguidora de Cristo. Por causa da sua antiga posição-chave no partido comunista, a conversão da mulher significou a perda de protecção e meios de sobrevivência, do emprego, colocando toda a família em risco. O homem disse aos assassinos que tanto a sua mulher como o “padre” tinham de morrer.

A notícia chegou aos ouvidos de alguns homens cristãos da vila. Primeiro, tentaram convencer o meu pai a cancelar o culto e a dizer aos novos convertidos que um culto aberto era demasiado perigoso. O meu pai, pastor, explicou-lhes que cancelar não era opção, mas orar sim.

A igreja começou a orar pelo culto. A congregação também tinha receio do que a morte da mulher poderia significar para a sua família e para a aldeia, e oraram por ela também.

O dia dos baptismos chegou e a multidão começou a marchar em direcção ao rio. A igreja estava tão arrebatada pelo medo e oração que se esqueceu de pedir a Deus que a polícia não aparecesse. E a polícia apareceu também. (Geralmente a polícia aparecia para tomar nota de tudo o que pudesse usar contra o “padre”, prender algumas pessoas e acabar com o encontro.) Alguns membros da igreja começaram a dizer que Deus não estava a responder às suas orações, murmurando que aquele dia era ainda pior do que os outros, porque não só tinham a polícia à perna como também os assassinos.

Uma e outra vez a igreja teve de aprender a confiar em Deus. Os polícias assistiram a todo o culto de perto; os assassinos apenas



observaram de longe. Afinal, as acções dos grupos não estavam sincronizadas, um não estava consciente dos planos do outro. Os homens que queriam fazer mal ao meu pai estavam com medo da polícia e não se atreveram a aproximar-se. Deus protegeu o Seu povo. A mulher foi baptizada e, mais tarde, outros familiares também. Naquela altura não conhecíamos o termo guarda-costas, mas Deus solicitou-os para nos protegerem.

Quando a Casa do Terror abriu, eu quis levar a minha mãe a vê-la. Pensei, “finalmente, a verdade está aqui; justiça foi feita. As fotografias e nomes dos nossos perseguidores foram revelados; a vergonha caiu sobre eles.” Várias vezes tentei convencê-la a visitar o museu comigo. Em todas as vezes me respondeu que não queria, porque para ela não era um *museu, era a sua vida*.

Quando os meus irmãos requisitaram os arquivos III/III (arquivos da polícia secreta) referentes ao meu pai, descobriram que 80% do texto estava traçado. A maioria dos perseguidores ainda estão vivos. Há um grupo de pessoas que pode, potencialmente, ser odiado e nós, humanos, adoramos odiar!

Pedro diz: “Deus deu público testemunho de Jesus de Nazaré com os espantosos milagres que através dele realizou, como bem sabem<sup>34</sup>(...) **que vocês crucificaram**”<sup>35</sup>. Quando testemunhamos junto dos nossos agressores é quando, geralmente, paramos com as acusações. Estes versículos têm causado muito sofrimento à igreja porque os discípulos - em nome do Senhor - pregam apenas metade do evangelho, parando neste ponto.

---

<sup>34</sup> Actos 2:22, OL

<sup>35</sup> Actos 2:36, OL

Às vezes esquecemo-nos de acrescentar o que Pedro continuou a dizer: “**Porque a promessa vos diz respeito a vós**, a vossos filhos e **a todos os que estão longe**: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar.”<sup>36</sup> Podemos dizer isto àqueles que causaram sofrimento extremo? Esta promessa pertence-te. Deus tem uma missão em ambos os lados do muro. Não foi fácil para mim estender esta promessa aos meus opressores; no entanto, é aqui que as verdadeiras Boas Novas começam.



O exterior da Casa do Terror

Na Igreja do Nazareno somos levados a orar pela igreja perseguida, pelos crentes maltratados. Eu gosto de liderar esta oração na minha igreja, e frequentemente conto uma ou duas histórias de pessoas que sofreram por causa da sua fé.

---

<sup>36</sup> Actos 2:39. OL

O que me leva à seguinte questão: em que dia oramos pelos perseguidores - os terroristas, os odiosos, os opressores, os hostis ao cristianismo? O mundo alegra-se com a morte de um terrorista, de um perseguidor ou ditador. Mas para o Senhor, essa morte é a perda de uma alma que não foi salva. “Vocês julgam que eu tenho prazer em que o pecador morra? pergunta o Senhor. Com certeza que não! Aquilo que eu pretendo é unicamente que ele abandone os seus caminhos de maldade e que viva.”<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Ezequiel 18:23, OL

# PASSANDO À ACÇÃO

- De que maneira me rejubilo com o castigo dos ímpios?
- Oração:
  - Pense em todos os perseguidores que conseguir. Para mim, estes tornaram-se uma galeria de pessoas por quem orar. Dou graças pelos opressores que ainda estão vivos, porque ainda podem vir a conhecer Cristo.
  - Ore para que nenhum dos perseguidores pereça. Exemplo de oração: Senhor, encontra-Te com os perseguidores e dá-lhes sonhos e visões para que vejam Jesus. Desta forma, a morte de Estevão, o sofrimento dos meus avós, dos meus pais e o meu próprio sofrimento não serão em vão. Por favor, salva as suas almas e usa-nos como quiseres. Amém.
  - Busque o perdão de Deus:

Pai, perdoa-nos e livra-nos do espírito de Jonas: desejando que os perversos sejam castigados, considerando-os indignos da salvação e esforços de missão, recusando-nos e virando as costas para que não os encontremos.<sup>38</sup>

Chega àquelas pessoas e dá-lhes a Tua mensagem de perdão e graça.

Nós confessamos que, com alguns grupos de pessoas, nos importámos mais com o conforto da sombra e do ar-condicionado, do que com a perda das suas almas. Nós, como igreja, temos, em certas ocasiões, feito

---

<sup>38</sup> Jonas 4:1-2

trabalho missionário apenas porque, como na história de Jonas, Tu fizeste um peixe cuspir-nos nas suas costas. Caso contrário, teríamos votado contra entrar nas suas vilas e cidades. Às vezes não quisemos ir a determinados lugares; preferimos enviar os nossos missionários para servir em lugares relativamente fáceis, ou enviar fundos para um qualquer lugar “que Tu não planeaste”.

Pai, obrigado por nos fazeres ir a esses lugares indesejados.

Agora, pedimos-Te que continues a encorajar a Igreja do Nazareno a ir a esses lugares onde mais precisam de Ti, no momento em que for mais eficaz - mesmo que seja Nínive, um alvo longe do ideal do trabalho missionário ou evangelístico, demasiado perverso, sem qualquer esperança, indigno dos nossos esforços. Forçamos a mantermos uma perspectiva missional: fazendo missões onde e quando tivermos de fazer.

- Não sejamos ingénuos: pecados não perdoados serão castigados; mas até lá, temos uma missão. A morte de cada perseguidor é um acontecimento triste. Cristo ama a todos, “não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.”<sup>39</sup> Como podem essas pessoas chegar ao arrependimento? Que oportunidades históricas - da vida real - de evangelismo temos no mundo hoje?
- Qual a maneira mais correcta de nos relacionarmos com os perseguidores? Como é que levamos a cabo o mandamento:

---

<sup>39</sup> 2 Pedro 3:9

“amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Mateus 5:44



Eu não encontro nenhum mandamento para nos regozijarmos quando não somos perseguidos. No entanto, para aqueles que não são tratados hostilmente por causa da sua fé, devemos certificar-nos que os cristãos oprimidos não sofrem em vão. Temos de ser boas testemunhas quando não somos perseguidos.

(...) para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo; retendo a palavra da vida, para que, no Dia de Cristo, possa gloriar-me de não ter corrido nem trabalhado em vão. E, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Filipenses 2:15–17

Um livro único no mundo<sup>42</sup> foi lançado recentemente, descrevendo a perseguição dos cristãos no séc. XXI. De acordo com o livro, 2014 foi o pior ano, com 400 milhões de cristãos vítimas de uma perseguição cerrada. A cada 5 minutos um cristão era morto por causa da sua fé, e havia 50 países em que a perseguição era considerada extrema ou muito forte. O autor diz que alguns países alegam ser cristãos e negam a perseguição cristã; no entanto, há uma hostilidade contra o cristianismo que permanece nestes países, e que afecta o emprego, vidas e liberdade destes cristãos.

A oração pelos perseguidos é necessária, mas é apenas meia tarefa. Não apenas oremos pelos que sofrem, mas vivamos de forma a que o seu testemunho não seja destruído por nós: “o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós”.<sup>43</sup> Uma vez que todos travamos uma batalha sem fronteiras, devemos ter em mente - mesmo nos lugares livres de perseguição - que todos nós teremos de trabalhar juntos para alcançar a vitória “pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho”.<sup>44</sup> Esta deve ser a realidade nos países perseguidos mas também nos livres - os últimos devem interceder pelos primeiros: “e não amaram a sua vida até à morte”.<sup>45</sup> Deixemos que a nossa fidelidade seja observada na nossa vida em todas as nações. As Boas Novas das nossas vidas podem até alcançar áreas de acesso criativo, onde não podemos entrar fisicamente. Temos de viver as nossas vidas de tal forma que o seu sofrimento não seja em vão.

---

<sup>42</sup> Györfy, Károly, *Keresztényüldözés a 21. század elején*. Kairosz Kiadó, Budapest, 2015.

<sup>43</sup> Romanos 2:24

<sup>44</sup> Apocalipse 12:11a

<sup>45</sup> Apocalipse 12:11b



“Mãe, qual foi o momento mais difícil da tua vida?”

“Os anos de perseguição.”

“E o momento mais feliz?”

“Os mesmos anos.”

Depois de pensar um pouco, ela acrescentou:

“Nós não tínhamos tempo para pensar se tínhamos comida suficiente ou o que é que queríamos. Deus estava em acção; os acontecimentos desenrolavam-se. Não há nada melhor do que estar no centro da acção de Deus.”

# PASSANDO À ACÇÃO

- Como pode o nosso testemunho impedir que o sofrimento de outros cristãos seja em vão?
- Como podemos aumentar o impacto do testemunho de cristãos perseguidos no mundo?
- Que comportamentos ou formas de pensar não-cristãs podem arruinar o testemunho de outros cristãos?



Durante o comunismo, vivíamos sob duas realidades. Estávamos divididos entre o que ouvíamos na sala de aula ou na sala de estar dos nossos pais, avós, tios ou tias. Todos os eventos históricos eram interpretados por uma variedade de fontes, não apenas cristãs e comunistas. Para nos orientarmos entre as mentiras e a verdade, jogávamos um jogo chamado Encontra a Verdadeira Fonte.

A difusão de pseudo-verdades acontece, em qualquer sociedade, por várias razões e em vários canais (mídia, educação, etc.). Portanto temos de nos perguntar a nós próprios, qual é o papel da família quando as crianças aprendem coisas diferentes do que se acredita em casa? O que é que isto quer dizer para o desenvolvimento da fé, para as missões e para a educação? Como é que as crianças aprendem a equilibrar o conhecimento com a realidade? Não vão aprender eficazmente através da memorização de factos, mas a aprenderem a pensar nas experiências da vida e a interpretar os acontecimentos.

Se uma família pode viver a sua fé, tal é mais convincente do que qualquer meio apresentado pelas “autoridades”.

Jesus disse: Eu sou a verdade. Eu sou a realidade. Ele revelou o Pai, e a plenitude de Deus estava no Filho. Nele, toda a realidade se expandiu para o passado, o presente e o futuro.

Como uma criança que cresceu numa ditadura, subconscientemente aprendi que verdade não consta de meros factos. A verdade está relacionada com a fonte de informação, com uma pessoa. A verdade só é relativa se for um conceito filosófico; quando a verdade é baseada numa pessoa, já não é relativa.

Para sobreviver, tive de aprender a pesar o que era dito contra quem o dizia. Para mim, a verdade vinha da minha família. O processo de pesar a verdade resumia-se a quem a tinha proferido. Confiar na pessoa certa como fonte da verdade era mais importante num mundo de duas realidades do que os factos que cada argumento apresentava.

Na história mundial, por exemplo, a forma como o meu avô nos contava as histórias da guerra e a forma como os opressores as descreviam, resultavam, facilmente, em diferentes pontos de vista. Histórias diferentes podem levar a uma visão positiva ou negativa, a um exército opressor ou libertador, a uma revolução ou uma anti-revolução. Toda a nossa história pode ser contada como duas histórias opostas.

Para nós, o meu avô representava uma visão fidedigna e pessoal sobre a história mundial; os nossos pais também. Ele recontou-nos as histórias da criação, da Primeira Guerra Mundial, da Revolução húngara de 1956, da monarquia Habsburgo-húngara, e outras. Os nossos familiares eram as nossas fontes.

Recentemente, li um livro de história que me fez sentir como se estivesse sentada na sala de estar dos meus pais, a ouvir as suas histórias. A história mudou e está agora mais próxima do que ouvia em criança. Parece que os manuais estão finalmente a convergir e os historiadores a trabalhar a partir de diferentes fontes. Deve ser difícil para as famílias que, na altura, acreditaram na versão “oficial” da verdade.

Quando o meu marido, Imre, estava na universidade a estudar engenharia, teve de estudar Economia Política. A economia marxista era tão confusa que os estudantes acabaram por confessar ao professor que aquilo não fazia sentido nenhum. O professor disse: “Tanto vocês, como eu, sabemos que isto é o que eu tenho de ensinar. Ambos sabemos que não faz sentido. Mas eu vou ensinar e vocês vão aprender, e vão fazer os exames e não têm de pensar mais no assunto. Eu sei que não é a verdade, mas é isto que tenho de vos ensinar.”

A fonte da verdade é crucial num mundo de dupla-realidade. A verdade não é expressa em palavras caras; tem sempre a ver com a pessoa que a profere. E nós confiamos n’Aquele que disse “Eu sou (...) a verdade”.<sup>46</sup>

Receio que hoje também haja uma dupla-realidade. A opressão de satanás nunca pára. Talvez tenha nomes mais interessantes, ou formas mais apetecíveis que o comunismo. Satanás é o pai da mentira, e é isso que cria uma dupla-realidade.

---

<sup>46</sup> João 14:6

A nossa missão é contar as histórias, interpretar os acontecimentos e revelar a Verdade. Temos de ser fontes de confiança para as nossas crianças. Missão é contar a verdadeira história, como a experimentamos, como a testemunhamos e como interpretamos a história e os acontecimentos à nossa volta.

Há muitas maneiras de lutar contra reinos e governantes do pensamento. No entanto, a nossa principal tarefa deveria ser desenvolver relacionamentos com as nossas crianças para que possam experimentar a fé na vida real, nas nossas casas e igrejas. Temos de as ensinar a usar todos os seus sentidos: a degustar, ouvir, ver e tocar a substância da fé, a essência de Deus, a Verdade, a plenitude de Deus. Elas têm de provar e ver que o Senhor é bom<sup>47</sup> e não ficarem satisfeitas com pedacinhos de uma religião cristã reduzida a um mundo estreito ou a uma versão estéril de uma fé aborrecida.

E se as pessoas ouvirem as nossas histórias e confiarem em nós como fontes de verdade? A isso chamamos uma oportunidade de missão. Elas dão-nos o privilégio e a responsabilidade de dependerem de nós. Vão pedir-nos para contar as histórias do mundo: O que está a acontecer agora, quem é quem, o que é que quer dizer, o que devemos fazer? Farão as mesmas perguntas que a multidão multicultural perguntou no Pentecostes: “Que quer isto dizer?”<sup>48</sup> “Que faremos?”<sup>49</sup>

Depois de ouvirem a verdade, através de nós, poderão estudar e ouvir as várias interpretações da “verdade”, as mentiras contadas por muitos à sua volta. E se as nossas crianças chegarem a casa,

---

<sup>47</sup> Salmo 34:8

<sup>48</sup> Actos 2:12

<sup>49</sup> Actos 2:37

ou os nossos vizinhos visitarem a igreja, e ouvirem a história do mundo como sendo a *história de Deus*?

Lembro-me da primeira reunião de estudo bíblico em nossa casa, em 1997 quando eu e o Imre demos início ao trabalho de plantação da Igreja do Nazareno. Falávamos da beleza da criação enquanto obra de Deus. Uma senhora disse, “eu já estudei várias teorias sobre a criação do mundo, mas nunca tinha ouvido esta!”

# PASSANDO À ACÇÃO

- Reflecta nas seguintes questões:
  - Que realidade dupla enfrenta na sua vida?
  - Como é que tem sido uma fonte de verdade para quem está à sua volta?
  - Como é que podemos recuperar a nossa missão ao sermos mais dignos de confiança?
  - Pode estar pronto para lutar pela Verdade (e fazer outros sofrer pela sua convicção), mas em que medida estará pronto para sofrer por Ele - a Verdade?
- Para recuperar o seu campo de missão, comece pela sua família e amigos, sendo um reflexo da perspectiva de Deus na sua realidade.
  - Como é que tem sido uma testemunha do passado e do presente?
  - De que forma será um profeta, interpretando os acontecimentos e realidades de hoje enquanto parte da história da salvação, e respondendo às seguintes questões: “Que quer isto dizer?” “Que faremos?”
  - A missão começa quando somos verdadeiros ao responder a questões sobre o aqui e agora.





“Quem teria pensado?” Esta é a questão que oiço vinda dos que faziam parte do sistema do Bloco do Leste, mas também dos que observavam, do lado de fora da Cortina de Ferro.

Quando se é um prisioneiro do tempo, grita-se de desespero, sem esperança que o sofrimento acabe. Eu também não teria pensado. Pensei que a geração seguinte viveria como nós e acreditava que tínhamos de os preparar debaixo do mesmo sistema.

A 23 de Outubro de 1989, eu estava numa sala de partos. Fui para o hospital à meia-noite, assim que os ponteiros do relógio marcaram a passagem do dia 22 para 23. Um dia normal de Outubro. Eu sou uma pessoa do Outono.

Às 7:30 da manhã, o meu filho nasceu. A minha primeira oração foi: “Senhor, salva-o de tudo o que eu tive de passar, por favor? Protege-o e ajuda-o a entender-Te no meio das voltas que a vida dá. Revela-Te a ele, como Te revelaste a mim nos mais estranhos acontecimentos da vida.”

A primeira pessoa que me visitou foi um familiar que me trouxe as seguintes notícias: “A República da Hungria foi anunciada hoje. Acabou!”

Eu abracei o Rudolf, o meu “filho da liberdade”, naquela manhã de Outono.

Antes, pensava que tinha sido privada de uma boa infância ou de uma adolescência feliz - da liberdade e divertimento. Hoje, creio que tive uma rica experiência com Deus, não apenas através de uma educação contrária à dos comunistas. Eu posso provar que Deus existe; não através de grandes estudos bíblicos e cultos de adoração - e nós tínhamo-los frequentemente na minha adolescência. Eu não aprendi enquanto escrava do conhecimento, ou em oposição a uma ideologia; não, eu aprendi *pela experiência*.

Nós experimentámos a realidade de Deus, graças a um ambiente hostil. O Seu povo - sendo perseguido - orava e testemunhava, e Deus agia. Isto ia além da observação; eu tive uma aprendizagem baseada na experiência. Eu aprendi sobre Deus vivendo e observando os Seus actos na *minha* história.

Temos de dar aos nossos filhos a oportunidade de viver e experimentar, em vez de lhes darmos toda a papinha doutrinal feita. Temos faculdades e programas educacionais à sua disposição; até temos missões programadas. Devemos discernir o que acontece de bonito e feio no mundo e permitir que os nossos filhos vivam e sintam cada acontecimento. Temos de ser contadores de histórias, que ajudam a geração seguinte, como os nossos pais nos guiaram pelas realidades do passado até ao presente.

Podemos ser tão super-protectores, protegendo as crianças da realidade, do próprio Deus que se manifesta nas duras realidades.

Oro para que o meu filho veja Deus a agir através do ver, sentir e viver a vida.

Quando Rudolf começou o seu estágio de Verão em teologia, eu, como todas as mães cristãs, quis que ele tivesse as melhores oportunidades de aprendizagem. O meu marido disse que eu era como Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu, querendo o melhor para os seus filhos.<sup>50</sup> Senti que era menos ambiciosa que Salomé, tanto a esquerda ou a direita de Cristo estavam bem por mim, a que o Senhor quisesse.

Em vez disso o meu filho foi chamado para servir em Roma, em condições extremas: mendigos, num bairro pobre com uma elevada taxa de crime e pouca higiene. O Rudolf voltou para casa e disse: “Finalmente, estou a viver! Eu sinto, vejo, que isto não é fabricado. É a realidade, e Deus está em acção”.

Porque é que queremos proteger os nossos filhos de viverem a sua história? A verdadeira fé possibilita a vontade de Deus nas vidas dos nossos filhos e ajuda-os a experimentá-Lo em acção, eles tornam-se testemunhas em vez de se aborrecerem com um cristianismo em segunda mão.

Qual é a nossa história actual? Terrorismo, novos impérios, novos deuses, novas religiões, novas ondas de imigrantes? O que é “o feio” hoje, onde estão as necessidades, onde estão os cálices da dor?

No primeiro século - dependendo da perspectiva de quem conta a história - César decretou novas leis que obrigavam todo o império

---

<sup>50</sup> Mateus 20:20-28

a ser taxado. Envolveu caos, fugas, refugiados e assassinato infantil. Não foram, de todo, os anos celebrados, os anos dourados da nação.

No entanto, para alguns, a história do primeiro século envolveu o nascimento do Filho de Deus, pastores que viram anjos e os ouviram cantar, homens sábios que seguiram uma estrela brilhante, e uma mãe e um pai a quem os anjos falaram.

O século XXI tem um impacto efêmero com os factos, as datas, os acontecimentos locais e globais que se ouvem no telejornal. Onde se ouvem e vêem os anjos hoje em dia? Que eventos fazem com que o céu se desdobre? Onde estão as realidades em que Deus intervém?

Para alguns, o comunismo é uma realidade política, um momento na história, um elemento negativo entre os anos 50 e 1989. Para outros, foi o melhor dos tempos - o tempo em que Cristo se encontrou com tantos, no caminho para o comunismo, e salvou as suas almas. Eles tornaram-se os “Paulos” da igreja actual.

Qual é o ganho em ficar no “palácio” ou no “templo” enquanto os grandes acontecimentos se desenrolam na pequena vila de Belém ou numa vila húngara de Szabolcs<sup>51</sup>? Está a proteger os seus filhos no palácio da prosperidade e do conhecimento? E se aqueles que estão na estrada - aqueles que tendem os rebanhos, que olham para os céus - ouvirem os anjos e tiverem os sonhos, porque estão fora dos palácios e dos templos? Irão os seus filhos perder estes anúncios monumentais?

---

<sup>51</sup> Szabolcs era um dos municípios mais antigos na Hungria. Fica na parte nordeste do país.

Queridos pais Zebedeus e seguidores de Cristo ambiciosos,

Os vossos filhos falarão o que Deus revelou.

Os vossos jovens terão visões.

Os vossos velhos sonharão sonhos.

Naqueles dias, derramarei o meu espírito sobre os meus servos, homens e mulheres.

Eles falarão o que Deus revelou.<sup>52</sup>

Há um ditado que diz que se queres que os teus filhos tenham uma vida boa, deixa-os passar fome e ter frio durante algum tempo. Vamos dar-lhes uma vida de experiências reais, ensinando-os sobre missão *através* da missão. Temos de os deixar ver e entender como Deus actua na história permitindo-lhes que vejam como Deus age em situações reais. Duas pessoas — um crente e um não crente — podem viver a mesma história, mas um deles perderá a história da salvação! Cristo salvou os filhos de Zebedeu de um falso e aborrecido discipulado sentados ao seu lado.

Nós sabemos que as pessoas aprendem melhor através da experiência (por exemplo, aprender a cozinhar, cozinhando). Que grande ideia! Que tal aprender a fazer missões fazendo missões: enfrentando o medo, o frio, a fome, etc.

Nós ensinámos ao nosso filho tudo o que sabemos sobre a fé, conversando sobre Deus e sobre a Bíblia, e ele era muito inteligente. No entanto, no momento em que o nosso filho viu Deus em acção e assumiu a *sua* história, ela tornou-se real e poderosa. Experimentar Deus em acção foi a lição mais convincente para o nosso filho. O mesmo acontece com todos os outros.

---

<sup>52</sup> Actos 2:17–18

Permita que os seus filhos conheçam Deus no seu tempo, através dos acontecimentos do mundo. Não os impeça de passar por dificuldades. Eles não poderão encontrar Deus da mesma forma nas delicadezas da vida. Quando Deus agir, os seus sentidos não ficarão dormentes. Eles vão ver, ouvir e entender. Vão experimentar medo, fé, confiança, desilusão e milagres.

Eu antes queria ser perseguida e sentir Deus com todos os meus sentidos, do que viver uma vida cristã segura e aborrecida. **A melhor coisa que há é ser parte da missão de Deus.**

Lembra-se do antigo slogan da coleção de guias turísticos *Eye-witness Travel Guides*: “O guia que lhe mostra o que outros apenas lhe podem contar - Testemunhar o mundo em primeira pessoa”? Estes guias contam com a sua vontade em querer ir aos lugares neles descritos. Eles esperam que você vá e use os livros, não como livros de histórias, mas como guias enquanto lá está.

A melhor maneira de ensinarmos a Bíblia às nossas crianças não é tratando-a como um livro de histórias de lugares onde nunca irão, ou de experiências que nunca terão. Pelo contrário, devemos ensinar-lhes a usá-la como um guia, para que elas queiram ir, e vão, e experimentem as missões por si próprias. Devem usar os relatos como guia para experimentarem a vida e a missão de Deus. Todos temos de nos tornar testemunhas. Não ensine à próxima geração que missões são histórias que outros contam!

Estar envolvidos na missão de Deus é algo que nos deveria levar à auto-reflexão, que por sua vez nos leva à conversão humilde e a um comprometimento renovado conosco próprios. Quando falamos sobre a nossa fé em Cristo com pessoas de outras religiões, que se dedicam e pela qual sacrificam muito, o nosso testemunho pode

parecer superficial. Olhando para nós, podem entender a oração e o sacrifício como uma tarefa que deve ser levada a cabo apenas nos tempos livres, se houverem.

Na nossa jornada missional, devemos ter a humildade de observar o comprometimento daqueles que vivem as suas crenças como se se tratasse de um assunto de vida ou de morte e arrependermo-nos e assumirmos um compromisso renovado connosco e com Cristo, antes de ensinarmos outros. Não ensinemos os novos convertidos a comprometerem-se menos com Cristo do que estavam comprometidos com os seus deuses. E que Deus nos ensine através do seu anterior comprometimento a servi-Lo ainda mais fervorosamente!

O avivamento começou quando os meus pais iniciaram um novo ministério numa aldeia em Szabolcs; no entanto, o avivamento não começou com eles. Um por um, alguns dos principais líderes do partido tornaram-se cristãos através do ministério dos meus pais. Esses líderes incluíam o presidente da comissão, o secretário do KISZ local e outros, em posições-chave ou respeitadas.

Uma senhora da nossa área estava encarregue de convencer, influenciar e mudar as mentalidades das pessoas através da propaganda comunista. (É curioso que originalmente “propaganda” significava “propagação da fé” [*Propaganda Fide*].) Ela foi encontrada por Cristo enquanto viajava pelas aldeias e cidades da região. Quando se tornou cristã, ela disse: “Se eu fui tão diligente em ganhar as pessoas para o partido, tenho de ir a cada vila e aldeia, a cada casa, e ganhá-los para Cristo.” E assim o fez! Ela era incansável para Cristo.

Com a nossa vida “centrada em missões”, ensinaríamos uma pessoa zelosa a não orar tanto, não trabalhar tanto, não dar tanto

de si à comunidade, a não ser tão religioso como antes? Se assim fosse, falharíamos em aprender uma lição crucial para nos tornarmos cristãos mais devotos, tiraríamos algo dos novos cristãos sem o substituir por algo melhor. Será que a porta da nossa igreja está fechada? Será que a nossa comunidade de fé só é visitada se as atividades de sábado não nos cansarem demasiado? Ou será que saímos da igreja apressadamente no fim do culto porque temos vidas tão atarefadas? O que oferecemos? Queremos apenas convertidos ou queremos discípulos?

O meu filho, um musicólogo - nascido em liberdade - escreveu sobre a música enquanto ferramenta de propaganda durante a ditadura na sua tese de mestrado. Através da sua pesquisa, revivemos a história em livros, documentos de arquivo, artigos, estudos e partituras que inundaram nossa sala de estar e outras partes da nossa casa.

Aprendemos que os cristãos não foram os únicos a sofrer. A opressão estendeu-se a poetas, escritores, cientistas, donos de fábricas e músicos que acreditavam em algo pelo qual estavam dispostos a sofrer. Ler as suas reflexões e compará-las com as nossas experiências e com o nosso sofrimento, foi como um despertar. Alguns deles foram muito corajosos, foram presos e arriscaram as suas carreiras; ao contrário de alguns cristãos.

Jesus sugere que aprendamos com estas pessoas. Às vezes, outros estão dispostos a arriscar e sacrificar mais por algo corruptível, feito pelo homem, do que pelo incorruptível.

Cristo morreu por nós e arriscou tudo. Estamos dispostos a sacrificar-nos? Às vezes limitamos a missão de Deus. A multidão está lá, o Espírito Santo também, mas nós temos dificuldade em



sacrificar o nosso conforto ou em sermos mais devotos. Preguiça espiritual, auto-sustento e auto-preservação fazem-nos pensar que podemos fazer missões quando, onde e como quisermos.

A palavra “missão” é degradada pelos cristãos hoje em dia, tal como fora pelos fariseus, no tempo de Jesus.

O julgamento que mais temo ouvir em relação ao trabalho missionário é: “Ai de vós (...) hipócritas! Pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós.”<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> Mateus 23:15

# PASSANDO À ACÇÃO

- O que é que acha desta reflexão sobre os tempos difíceis: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos”<sup>54</sup>?
  - O que pensa sobre o sofrimento de Jesus: “O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.”<sup>55</sup>
  - Pense duas vezes: Se tentar evitar dificuldades e não levar as missões a sério, irá perder a oportunidade de aprender algumas lições e experimentar muitos milagres!
- “E por que atentas tu no argueiro que está no olho do teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, não atentando tu mesmo na trave que está no teu olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás bem para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão.”<sup>56</sup>  
Como podem estes versículos ajudar-nos a melhorar a forma como participamos em missões?

---

<sup>54</sup> Salmo 119:71

<sup>55</sup> Hebreus 5:7-8

<sup>56</sup> Lucas 6:41-42



O entendimento da Bíblia é influenciado pelas nossas culturas e pelos regimes em que vivemos. Além disso, as crianças entendem as pregações de uma forma completamente diferente do que imaginamos. Eu cresci na igreja; sempre que a porta da igreja estava aberta, nós estávamos lá. Ouvi muitos sermões, histórias da Bíblia e memorizei muitos versículos. Eu li e reli a minha Bíblia azul. Ainda hoje me lembro dos versículos que me intrigavam mais em criança.

*“E até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos.”<sup>57</sup>*

Este versículo deixava-me ansiosa. No ambiente em que eu cresci, se o partido, a polícia ou as agências secretas desenvolvessem tanto interesse em alguém, era um possível sinal de sofrimento vindouro, nada de bom. A ideia de ser observada ficou enraizada no

---

<sup>57</sup> Lucas 12:7

meu pensamento. Eu não queria o meu nome numa “lista negra”, ou a minha vida registada num arquivo III/III da agência secreta. E mesmo *eles* não chegavam ao ponto de contar os cabelos na minha cabeça. Ler este versículo deixava-me desconfortável. Quando ouvia esta passagem, o medo congelava a minha mente no início do versículo, nem sequer considerava a parte que diz “não temais” e “mais vales vós”. Inconscientemente, evitava tais passagens.

*“Senhor, tu me sondaste e me conheces.  
Tu conheces o meu assentar e o meu levantar;  
de longe entendes o meu pensamento.  
Cercas o meu andar e o meu deitar;  
e conheces todos os meus caminhos.  
Sem que haja uma palavra na minha língua,  
eis que, ó Senhor, tudo conheces.  
Tu me cercaste em volta  
e puseste sobre mim a tua mão.”<sup>58</sup>*

Eu não achava esta passagem maravilhosa, não sentia o entusiasmo expressado por David: *“Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta, que não a posso atingir.”*<sup>59</sup> Quando era nova, o salmo 139 assustava-me!

Agora que sou adulta, Deus não está tão ocupado com os meus cabelos, porque já não são muitos. Eu compreendo porque é que instintivamente evitava estas passagens. Quando as pessoas no poder reúnem informações sobre nós - quando nos vigiam dia e noite, abusam de tal conhecimento e usam-no contra nós - não há nada

---

<sup>58</sup> Salmo 139:1-5

<sup>59</sup> Salmo 139:6

de maravilhoso. (O meu medo de ser vigiada desapareceu por algum tempo; no entanto, agora, o nosso uso das novas tecnologias tem tornado este um lembrete oportuno.)

Quando entendi que Aquele que me ama é Aquele de quem Ele diz “o próprio Pai vos tem grande amor”<sup>60</sup>, acreditei que não fazia mal se Ele soubesse tudo sobre mim. Na verdade, é até *melhor* que Ele saiba, já que nunca usará esse conhecimento contra mim, nem me destruirá com tal informação.

*“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também.”*<sup>61</sup>

Esta passagem é uma das minhas favoritas por duas razões. Como não estávamos autorizados a viajar, as passagens que descreviam Deus vindo até nós e particularmente, as que descreviam que um dia Ele nos levaria para onde está, eram maravilhosas. Eu ainda quero ir para o céu. Eu já viajei por muitos lugares lindos e adorava ir a muitos outros, mas o céu ainda é o meu sonho de criança.

A minha primeira viagem aos Estados Unidos foi à, agora universidade, Mount Vernon Nazarene College, em Ohio. Estava admiradíssima com tanto *espaço* e por poder explorá-lo *livremente!* Esta é a segunda razão pela qual gosto tanto desta passagem. Todas as manhãs antes de ir para as aulas, repetia 15 ou 20 passagens de memória. Esta era geralmente uma delas. Eu

---

<sup>60</sup> João 16:27

<sup>61</sup> João 14:1-3

sonhava com a casa do Pai onde há muitas moradas. Adoraria ler um livro inteiro sobre uma explicação bíblica das moradas do meu Pai. Este assunto fascina-me.

Uma vez ouvi um missionário a falar do nosso país e a explicar a outros estrangeiros que os húngaros gostam de viver em apartamentos pequenos e casas cheias de gente. Que conclusão interessante. Eu quis gritar e dizer, “não, não gostamos de viver às dúzias! Só não temos espaço suficiente! Mas *na casa do meu Pai* há muito espaço!”

Em criança, tínhamos maneiras interessantes de interpretar a Palavra de Deus, geralmente bastante influenciadas pelo meio em que vivíamos, mais do que pelo nosso conhecimento. Talvez os adultos também as tenham.

# PASSANDO À ACÇÃO

- Pense nas lentes que usa quando:
  - Lê a Palavra de Deus:
    - Se algo lhe é muito querido, porque será?
    - Se evita ou não gosta de algumas verdades que Deus revela sobre Si próprio, porque será?
  - Pense em missões:
    - Que aspectos das missões o tornam tenso ou simplesmente ignora?
    - Para que facetas das missões está especialmente mais inclinado?
    - Como é que estas respostas se relacionam com as suas experiências de vida ou com o seu entendimento da Palavra de Deus?







Eu e o Imre sentimos que nos devíamos preparar para o ministério e perceber a santidade bíblica. Fomos encorajados para ir estudar para o European Nazarene College (EuNC) em Büsingen, na Alemanha<sup>62</sup>, por uma jovem nazarena que passou algum tempo na Hungria e conhecia a nossa história e a nossa vontade de aprender. Depois de sabermos mais sobre o EuNC, eu, o Imre e o nosso pequeno Rudolf, fizemos as malas e mudámo-nos para Büsingen.

No EuNC encontrei cristãos russos pela primeira vez. Senti-me consternada! Em casa, eles eram o inimigo. Em Büsingen, ouvia-os orar na língua dos meus opressores.

Quando era criança, na Hungria, era obrigatório aprender russo. Um verdadeiro húngaro, um não comunista, tinha de odiar a língua russa. No entanto, eu apaixonei-me pela língua, achava-a lindíssima, e inscrevi-me num curso especializado com oito aulas

---

<sup>62</sup> Büsingen, Alemanha, é uma aldeia alemã no meio da Suíça.

por semana. Isto gerou algum conflito em mim quando andava no ensino secundário.

Eu lembro-me de uma noite no EuNC, em que estávamos a contar as histórias das nossas vidas - duas russas e uma húngara. Duas de nós tinham sido cristãs perseguidas e a outra tinha vivido com a elite dos opressores.

Quando cheguei a casa, comecei a chorar compulsivamente. O Imre tentou perceber o que se passava:

“Tiveste um bom tempo com as tuas amigas russas?”

“Sim.”

“O que se passa? Porque é que estás a chorar?”

“Estivemos a contar as nossas histórias de perseguição.”

“Mária, tens de perdoar.”

“Eu já perdoei, mas é muito complicado. Eles sofreram ainda mais do que nós! Para começar, agora tenho de pôr de lado todo o despeito que sinto pelos russos.”

Satanás quer virar nações contra nações, irmãos contra irmãos. Tive de deixar a ideia dos russos contra os húngaros e aceitar o facto de que isso era nada mais do que Satanás contra o povo de Deus. E que ele usa todas as criaturas de Deus contra os crentes.

“Eu estou a chorar porque duas de nós sofremos”, continuei, “mas à medida que íamos conversando, a que que vivia com a elite comunista disse: ‘Não pode ser. Nós saberíamos, teríamos dado conta.’ Juntas, eu e a minha colega russa, tentámos convencê-la de que toda a perseguição tinha *de facto* acontecido, que nós sofremos e perdemos entes queridos. Era a história da nossa vida.”

Masha, uma das estudantes russas, não queria acreditar nas cruéis histórias do passado. Magoou-me tanto. Senti que nem podia *ter* a minha própria história. Continuei a ouvir a voz dela “Isso não é verdade. Não pode ser. As pessoas que vocês acusam eram comunistas, mas eram boas pessoas, não eram cruéis.”

Por favor, permita-nos ter a nossa própria história, deixe que a nossa história seja parte do todo da História – a combinação da sua e da minha história. Se negar as nossas histórias, nega-nos a nós.<sup>63</sup>

Foi isto exactamente que repeti num debate na Conferência Mundial de Teologia, onde teólogos nazarenos se juntaram para discutir assuntos teológicos relevantes na perspectiva nazarena. Enquanto debatíamos as trágicas reflexões de adultos que viveram o apartheid e como essas experiências se tornaram parte das suas histórias pessoais e da história da igreja, alguns mostraram-se solidários. Outros estavam fartos de ouvir os nossos irmãos e irmãs contarem as mesmas histórias, reflectindo e colocando algumas questões difíceis.

Não se canse de nos ouvir, nem nos peça para parar; não nos permitir contar as nossas histórias é só mais uma forma de opressão. Não nos diga para apanharmos os cacos e continuarmos em frente na nossa jornada. Não devíamos ocultar as partes feias da nossa história. (Se o fizéssemos, demasiadas páginas da Bíblia desapareceriam também!) As partes feias fazem parte das belas histórias de milagres, confissão e perdão. Através do que experimentamos, o feio e o bonito, tornamo-nos uma unidade, o Corpo de Cristo. Contar as nossas histórias faz parte do processo de cura, e para os

---

<sup>63</sup> 1 João 1:3

opressores deve também haver uma componente confessional nas suas histórias.

Eu entendo que para os ouvintes, ouvir a nossa história pode ser doloroso e emocionalmente esgotante, mas é importante para nós podermos contá-las e para vocês ouvi-las, para que depois sejamos nós a ouvir e vocês a contar. Hoje o leitor ouvi-me, amanhã, ouvi-lo-ei a si. É um processo de aprendizagem para todos nós.

Deus ordena-nos a lembrar, recontar, a ensinar como Ele nos libertou da escravidão, da servidão, da perseguição e da opressão.<sup>64</sup>

Tal como a minha amiga russa cristã não acreditou nas nossas histórias de perseguição, tenho plena consciência que poderíamos construir outra Casa do Terror onde o meu povo era o grupo opressor na base das montanhas dos Cárpatos. Todos tendemos a pensar em nós mesmos como boas pessoas e nos outros como maus.

Parece-me que há dois projectos missionais no mundo. Na missão de Satanás ele “anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar”.<sup>65</sup> A missão de Deus é que ninguém pereça, mas tenha a vida eterna.<sup>66</sup> Somos como Pedro, perguntando a Deus o que é puro, o que pode ser tocado pelas mãos super-puras dos cristãos e que grupos de pessoas não devemos tocar por falta de pureza. De acordo com a passagem em Actos, já não há nada impuro no lençol.<sup>67</sup>

Fico tão feliz por não termos sido considerados impuros pelo EuNC; foi, para mim, um lugar de cura. Não haviam professores arrogantes; eles queriam mesmo que nós fôssemos bem-sucedidos.

---

<sup>64</sup> Deuteronomio 11:18-23

<sup>65</sup> 1 Pedro 5:8

<sup>66</sup> 2 Pedro 3:9

<sup>67</sup> Actos 10:9-23a

Ter uma fé forte, no EuNC, era valorizado. Nunca tinha visto tanta bondade no mesmo lugar.

Para o título deste capítulo, eu escolhi o termo sanatório. Estudar no EuNC foi como se tivesse ido para um daqueles lugares que oferecem tratamentos para a tuberculose. O ar da liberdade era tão fresco; era como se os nossos pulmões se tivessem curado.

Eu lembro-me dos alemães do Leste partilharem, durante um culto, a sua primeira experiência com portas automáticas ou auto-clismos diferentes dos seus. Rimo-nos tanto! Rimo-nos da dor e de nós próprios. Rimo-nos livremente, e rimo-nos porque nos fazia sentir bem.

O EuNC juntou pessoas de lugares tão distantes uns dos outros. Começámos de novo, fomos apresentados como amigos e irmãos<sup>68</sup> e fomos convidados a redescobrir o mundo juntos.

No EuNC, os estudantes que recebiam assistência financeira eram destacados para trabalhar no campus para compensar os custos. Quando eu e o Imre começámos os nossos estudos, começámos a limpar as casas de banho da cave. No fim dos nossos estudos já estávamos na biblioteca. Outro estudante, através das suas lentes culturais, perguntou-nos: “Não detestam limpar as casas de banho? Ambos estudam, têm um filho, e trabalham tantas horas. Limpar as casas de banho é humilhante.”

Olhámos para ela e eu senti que devia abraçá-la ou desatar a cantar uma canção ou rir-me. E disse-lhe, “Não desejaríamos estar em qualquer outro lugar. Limpar estas casas de banho, aqui, é um privilégio para nós. Não vês que isto é parte da perfeita dádiva vinda do céu?”

---

<sup>68</sup> Naquele tempo, os húngaros chamavam aos russos, inimigos ou falsos irmãos.

Para mim, o EuNC será sempre um memorial da reunião de cristãos de todo o mundo: Europa e Ásia, Austrália e EUA.

Quando voltámos para a Hungria, quisemos levar connosco o ensino e a perspectiva de vida da santidade, aquele sentimento do ar puro do sanatório enchendo as pessoas da nossa igreja.

Os líderes da igreja que visitavam o nosso país também traziam consigo esse sentimento. O nosso primeiro superintendente distrital não era húngaro, e nós receávamos que houvesse algum sentimento de “Este” e “Oeste” entre o superintendente e as pessoas da igreja. Se alguém quisesse encontrar tais sinais seria em vão. Ele não era definido pela sua nacionalidade<sup>69</sup>, antes por pertencer a Cristo. Tal conceito era novo para nós, uma vez que estávamos habituados a definir a identidade de determinada pessoa pela sua nacionalidade, quando haviam alterações nas fronteiras, o nosso impulso sempre foi procurar quem era quem no mapa. Não havia nenhum Este, Oeste, Norte ou Sul, mas Cristo.

Um superintendente distrital é um líder e nós sabíamos o que era um líder. Nós tínhamos líderes no tempo do comunismo, só não lhes chamávamos superintendentes. Quando os novos nazarenos húngaros viram *este* líder lavar o chão, arrumar as cadeiras, ou a limpar, disseram-lhe, “Não tem de fazer isto.”

É interessante como um servo-líder consegue fazer algumas pessoas sentirem-se tão desconfortáveis. Os nossos discípulos húngaros reagiram de várias formas a esta atitude.

Como é que alguém se sente quando vai para um país onde pode exercer autoridade e até abusá-la? As pessoas daquele país estão

---

<sup>69</sup> Ele até era um ocidental, mas esse seria um dos últimos termos que eu escolheria para o descrever.

habituaadas a isso, irão servi-lo, ser humildes e mostrar-lhe respeito. Nesta situação, algumas pessoas gostam do poder e pensam “Aqui sou rei. Em casa, sou apenas uma pessoa simples.” Que tentação!

Alguns líderes têm plena consciência de que são considerados poderosos na cultura em que são missionários, mas “não consideram *“o seu poder superior às pessoas”*, algo a ser usado para o seu próprio benefício”, antes esvaziam-se de si próprios e lavam os pés dos discípulos. Quando nazarenos com menos poder dizem aos seus líderes, “Não deve lavar os meus pés, limpar a igreja depois do culto, ou lavar a loiça. Nunca, senhor.”, um líder-servo responde: “a menos que *nós* o façamos, *nós* não temos parte com *Cristo e uns com os outros.*”

Naqueles primeiros anos, as nossas histórias missionais eram o que os líderes faziam, como se humilhavam, como desistiram dos direitos conferidos pelas suas nacionalidades, dos seus hábitos e dos seus privilégios.

Líderes-servos criam um sanatório para aqueles que precisam ser curados do abuso pecaminoso da autoridade, quer seja por eles ou sobre eles. Partilham um bálsamo de cura com aqueles que sofreram ditaduras cruéis, humilhação e outros tratamentos abusivos.

Você pode tornar-se uma fonte de cura para as pessoas que sofrem tribulação. Estamos muitas vezes ansiosos por dar e partilhar, particularmente da nossa abundância. E embora seja simpático oferecer a nossa mais recente tecnologia a outros, isso não é, de todo, o que as pessoas mais precisam.

Dê de si mesmo. E mesmo que queira dar *coisas*, não substitua o que é, pelo que tem.

- Auto-reflexão:
  - Quem sou eu? É a minha identidade determinada pela minha nacionalidade/etnia? Está esta a bloquear a minha participação na missão de Deus de alguma forma? Devo repensar sobre onde está firmado o meu mais profundo empenho? Sob que pacto funciono?
  - O que podem as seguintes declarações significar em relação a como actuamos face a outros grupos étnicos?
    - “E eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.”<sup>70</sup>
    - “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.”<sup>71</sup>

Quais são os pontos de arrogância onde me coloquei acima dos outros?

De que grupo de pessoas me acho superior e porquê?

Quão profundo acha que se deve humilhar? E quão profundo está disposto a ir para esse mesmo propósito?

A seguinte passagem mostra-nos a profundidade da humildade de Cristo: “Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome (...).”<sup>72</sup> Imitarei eu esta humildade?

- Dádiva:
  - Quando der, dê de si mesmo - não apenas coisas. Não terá dado nada, até que dê de si mesmo.

---

<sup>70</sup> Jeremias 32:38

<sup>71</sup> João 13:35

<sup>72</sup> Filipenses 2:7-9



# PASSANDO À ACÇÃO

- Aprenda a orar orações humildes. Escreva a sua oração pessoal de humildade. Faça-o de forma sincera e personalizada, nomeando os pontos de arrogância e poder em que precisa da humildade de Cristo.
- Até que escreva a sua, pode começar com esta oração.

Ó Jesus! Manso e humilde de coração, ouve-me.

Livra-me do desejo de ser prestigiado.

*Liberta-me, Jesus.* (repetir após cada linha)

Livra-me do desejo de ser amado.

Livra-me do desejo de ser enaltecido.

Livra-me do desejo de ser honrado.

Livra-me do desejo de ser elogiado.

Livra-me do desejo de preferido a outros.

Livra-me do desejo de ser consultado.

Livra-me do desejo de ser aprovado.

Livra-me do medo de ser humilhado.

Livra-me do medo de ser desprezado.

Livra-me do medo de sofrer repreensões ou censura.

Livra-me do medo de ser sujeito a acusações maliciosas.

Livra-me do medo de ser esquecido.

Livra-me do medo de ser ridicularizado.

Livra-me do medo de ser injustiçado.

Livra-me do medo de ser suspeitado.

Que os outros sejam amados mais do que eu.

*Jesus, concede-me a graça de desejar tudo isto.* (repetir após cada linha)

Que os outros sejam amados mais do que eu.

Que, na opinião do mundo, os outros possam crescer e eu diminuir.

Que os outros possam ser escolhidos e eu ficar de parte.

Que os outros possam ser elogiados e eu passe despercebido.

Que outros possam ser preferidos a mim em tudo.

Que outros possam tornar-se mais santos do que eu, contanto que eu me torne tão santo quanto deva.<sup>73</sup>

- Missão sem humildade pode ser perigosamente destrutiva, tanto para quem dá, como para quem recebe! Aproveite a viagem de humildade! “Bem-aventurados os mansos”<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> Oração composta por Rafael Cardinal Merry de Val (1865-1930)

<sup>74</sup> Mateus 5:5



Quando trabalhávamos na biblioteca do EuNC, uma das nossas tarefas era remover livros de escola dominical antigos. (Como estavam desatualizados, ninguém os usava.) Disseram-nos para os jogar fora.

Nós juntámos tudo numa pilha com algum desconforto. E enquanto o fazíamos pensávamos, “Como é que se pode jogar fora tamanho tesouro? Há aqui tão boas lições, imagens com cores bonitas, um currículo já estabelecido. Os professores com menos experiência podiam usá-los como ponto de partida para ensinar.”

Depois de uma pequena hesitação, perguntámos à bibliotecária se podíamos ficar com eles; ela ficou perplexa, mas disse que sim. Depois perguntámos ao gerente da propriedade se podíamos usar um pequeno espaço no sótão para os guardar; ele ficou perplexo, mas disse que sim. Ao longo dos anos, fomos

juntando material da WordAction<sup>75</sup> para o dia em que regressaríamos a casa.

Finalmente chegou o dia das mudanças. Quando carregámos a carrinha com os nossos bens, não havia espaço para as caixas da WordAction. As caixas ficaram empilhadas ao lado da carrinha.

Por esta altura já era de noite. Olhámos um para o outro, e o que os nossos ajudantes temiam aconteceu. Começámos a descarregar roupas, caixas de itens pessoais e alguma mobília. As caixas dos livros de escola dominical couberam, mas agora as nossas coisas pessoais estavam empilhadas ao lado da carrinha.

Com alguma ansiedade fomos falar com o gerente da propriedade, “Como sabe, estamos de regresso a casa. Não sabemos se teremos oportunidade de cá voltar. (Ainda não estávamos acostumados a viajar em direção ao oeste.) Não vamos conseguir levar algumas das nossas coisas e é tudo o que a nossa família tem. Permite-nos que as guardemos no sótão por um ano ou dois? Se por essa altura não tivermos voltado, pode doá-las ou jogá-las fora.”

Ele ficou perplexo, mas disse que sim. (Por esta altura, o pessoal do EuNC já estava habituado aos pedidos estranhos dos europeus do Leste.)

E lá fomos felizes com o material, fantasiando sobre como o usaríamos. Nos meses seguintes, mostrámo-los a várias pessoas. (Naquela altura, a Hungria não tinha literatura cristã daquela qualidade.) Todos os que os viram, gostaram muito.

---

<sup>75</sup> WordAction Publishing Company é uma organização não-lucrativa que fornece materiais de estudo relevantes para a escola dominical e pequenos grupos, permitindo que pessoas de todas as idades possam descobrir a palavra de Deus. WordAction é parte da Casa Nazarena de Publicações e tornou-se a maior publicação sobre a santidade wesleyana para a Escola Dominical de todo o mundo ([www.nph.com](http://www.nph.com)).

Os estudantes de teologia que estávamos a ensinar e os professores de escola dominical de várias denominações ficaram deslumbrados com o material. O único problema era que estavam escritos em inglês!

À medida que começámos a plantar igrejas, ajudámos os futuros professores de escola dominical - num programa de treino oral - a prepararem-se para as suas classes. Fizemos isto durante quase um ano.

### **Um presente de Natal com resultados eternos**

Com o Natal a aproximar-se começámos a conversar sobre o que é que poderíamos dar às crianças da escola dominical e ao resto da comunidade. Quase em unísono, várias pessoas disseram: - “Uma lição de Natal em húngaro, com algumas páginas de actividades!”

Só precisávamos de uma lição para testar o formato na nossa cultura e perceber se as crianças gostariam de fazer algo tão diferente daquilo a que estavam habituadas. Pais e mães nazarenos e professores pioneiros da escola dominical, juntaram-se, e pediram ajuda para a concretização desta tarefa.

*E agora chegamos à parte da confissão. Continue a ler apenas se nos conseguir perdoar. A Casa Nazarena de Publicações já o fez! É um pecado já tratado.*

Umás semanas antes do Natal de 1998, nós criámos um livreto com cinco lições, uma para cada Domingo do advento e uma para o dia de Natal. Nós traduzimos, editámos, trabalhámos nas páginas de actividades, fizemos a paginação, algumas alterações culturais e... mandámos imprimir a cores e montámos o livreto.

Tudo isto foi feito ao serão, numa sala de estar. Uma mãe, a líder distrital da escola dominical, foi quem mais se empenhou. Quando lhe perguntámos a razão de tanto empenho ela disse que o fazia

pela sua filha, pelos *ossos* filhos. Ela sentia que as crianças húngaras mereciam esta surpresa.

Eu não sei quanto tempo o leitor gasta nas compras de Natal; para nós, não havia melhor prenda para darmos às nossas crianças. Naquele ano, as crianças participaram numa actividade em que fizeram anjos de papel. Cada criança levou para casa um anjo.

Como naquela altura o nosso país estava a ser inundado pela cultura ocidental, os miúdos apareciam na escola com bonecos do Homem-Aranha, do Super-Homem, dinossauros, etc. Quem teria pensado que as crianças nazarenas levariam os seus anjos de papel para a escola para mostrar aos amigos e professores?

Certo domingo, à saída da igreja, um dos rapazes timidamente entregou a sua página e pediu uma nova. Quando lhe perguntámos porquê, respondeu-nos que precisava de uma sem vincos nem marcas porque os pais prometeram fazer um pequeno dossier e partilhar com outras famílias.

Num dos lugares em que plantámos uma igreja só haviam pessoas idosas. Zero crianças. Quando o grupo viu os materiais que estávamos a usar, pediram-nos para usá-los também. Nós explicámos que os materiais demoravam algum tempo a preparar e a impressão era bastante cara. Também lhes dissemos que era tudo feito em casa e a pensar em crianças, que não haviam naquele grupo.

Eles responderam que esse problema era deles. Quando imprimimos algumas lições para aquele grupo, as avós juntaram algumas crianças da aldeia e começaram a ter classes de escola dominical.

Balázska, um menino de quatro anos de idade, era uma dessas crianças. Ele frequentava a escola dominical regularmente, aprendia sobre Jesus e orava. Um dia, o pai do Balázska estava muito ansioso e um pouco impaciente porque sua esposa estava prestes a

fazer um exame difícil. O pai explicou a sua impaciência ao filho, e Balázska sugeriu que orassem pela mãe.

Mais tarde, o pai disse-nos que ficou admirado e envergonhado por ter de admitir ao seu filho que nunca tinha ido à igreja e que não sabia como orar. O rapaz de quatro anos explicou-lhe que tinha aprendido a orar na escola dominical, e os dois oraram com o pequenito a liderar a oração.

O pai testemunhou que como cresceu durante o comunismo, nunca teve contacto com a escola dominical. Ele poderia ter sido parte de uma geração perdida. No entanto, a graça de Deus é tão maravilhosa que foi estendida à geração seguinte, que agora ensina os seus pais.

Nós pensamos nos jovens como tesouros e temos esperança para o futuro. Deus usou as crianças para estender a Sua graça aos pais, a quem esta havia sido tirada. Eles não são apenas o futuro; Deus usa-os agora. As crianças revelaram ser os melhores evangelistas no nosso caso. Estamos a viver uma influência entre gerações: uma geração afecta a seguinte e a influência vai desenvolvendo-se à medida que a história é partilhada.

Os mais novos não foram escravos dos ferimentos passados; estavam livres dos medos dos seus pais. Eles não viam espíões em qualquer pessoa que se cruzasse com eles. Estavam cheios de confiança e esperança e eram livres para levar o Evangelho aos seus amigos, para suas escolas e mostrar as lições da Bíblia aos seus professores. Deus deu-nos um novo dia!

Os pais traziam os seus filhos às casas dos professores de escola dominical (naquela altura ainda não tínhamos edifícios) implorando para que pudessem assistir.

Alguns pais andavam longas distâncias e não tinham tempo de

ir a casa e voltar no fim da lição. Sentavam-se nas escadas, à espera que os seus filhos aprendessem sobre Deus, algo que nunca lhes tinha sido permitido.

Fomos convidados a visitar escolas e creches. Sabíamos que estes tempos de graça poderiam não durar muito, portanto tínhamos de estar preparados para apresentar o nosso trabalho no espaço e tempo em que era pedido. Deus usou estes tempos porque nós estávamos preparados; e continua a fazê-lo.

Em 1998, apenas nove anos depois da queda da Cortina de Ferro, andávamos pelas ruas em Hajdúhadház pela altura do advento. Olhando ao redor, vimos anjos de papel que nos eram familiares nos parapeitos das janelas e sabíamos que eram lares nazarenos que tinham trazido os seus filhos à escola dominical. Aqueles anjinhos de papel entraram em muitas casas naquele Natal!

Estamos em 2016. Todos os anos retiramos os enfeites da árvore de Natal da caixa. Temos três topos para escolher. Acabamos por sempre colocar os mesmos dois na caixa, porque o que escolhemos é o anjo de papel que o nosso filho fez há quase 20 anos. O anjo fica no topo da nossa árvore de Natal para nos lembrar de um tempo passado e, talvez, vindouro, em que os anjos de papel eram proibidos. No entanto, sabemos que estávamos e estaremos cercados pelos Seus anjos, que nos protegem de todos os poderes.

Até onde podem ir os anjos? Em quantas casas podem entrar? Terão eles de parar e ser descontinuados? Tantas vezes vivemos com fascínio a “aparição de anjos”, de novos ministérios ainda a começar. Mas o que vem depois do início? Haverá quem dê continuidade ao ministério e que o apoie até que dê frutos?

O nosso Deus é um Deus que não apenas começa - “aquele



que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo.”<sup>76</sup> Temos de nos tornar mais como Ele. Há algo divino na “perseverança no fazer”. Sim, começámos a enviar os anjos para os lares para ajudar os pais que não tiveram uma educação cristã durante o comunismo; e o material WordAction tem sido uma grande ajuda para os professores, pais e avós.

No entanto, precisamos da sua ajuda. Esta é uma oportunidade de realizarmos algo juntos: “ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.<sup>77</sup> Às vezes os planos de missão perdem a frescura inicial, os interesses mudam e os que começaram o trabalho acabam por abandoná-lo. Pode preferir que contemos uma nova história, mas fomos incumbidos com a tarefa da perseverança, para ensinar e fazer novos discípulos. Vai perseverar connosco? Ajudar-nos-á a continuar a levar os ensinamentos de Cristo às casas das pessoas? Ainda precisamos da sua ajuda para fornecer materiais para compensar os 40 anos sem eles.

Às vezes, oportunidades como esta acabam por passar. Lamentaremos as oportunidades perdidas se não as usarmos para alcançar almas para Cristo, até as almas das crianças. Não queremos ter de pedir perdão por termos perdido a próxima geração de uma nação.

Começámos a vender o material a 19 denominações, até a igrejas já bem estabelecidas. Vários professores de profissão sentaram-se no nosso escritório distrital, que servia como livraria até a livraria online da WordAction estar disponível. Eles comentavam, “este material é tão diferente. É mais espiritual e mais profundo. É um currículo profissional bem pensado e está bem-adaptado à linguagem das crianças.”

Desde o início deste ministério, já publicámos e vendemos 4

---

<sup>76</sup> Filipenses 1:6b

<sup>77</sup> Mateus 28:19

anos de materiais em húngaro a várias instituições. Até os infantários do Estado têm comprado o nosso material para as suas classes de religião.

O nosso agradecimento àqueles que estiveram envolvidos em escrever as lições, editá-las, publicá-las, imprimi-las e enviá-las para nós. Vocês participaram na missão! Estou tão grata por ter contado esta história; de que outra forma saberiam que o vosso anjo chegou à Hungria e tocou as vidas de tantas crianças?

As crianças que receberam aqueles anjos - de 3 a 5 anos na altura - servem hoje nas comissões e juntas da igreja, até na comissão do acampamento distrital (alguns trarão os seus próprios filhos para o acampamento este ano).

Zoli, apenas um menino naquele tempo, começou a servir no conselho de missões no ano passado e continua este ano. O seu coração está nas missões. Os materiais distribuídos na altura trouxeram Jesus para o seu nível. Não só estavam em húngaro, como estavam adequados à sua idade e eram a cores! Eu gostaria muito que o leitor pudesse ver o quanto significou para aquelas crianças ter as páginas de actividades a cores.

### **As oportunidades dos pequenos começos**

No início do trabalho da Igreja do Nazareno na Hungria, foi-nos pedido pelo director regional da Eurásia que escrevêssemos a nossa declaração de missão. Nesse primeiro documento há uma frase: “Gostaríamos de ser um abrigo espiritual, um lugar de refúgio, um porto seguro.” Nos primeiros dias do nosso trabalho na Hungria fomos fiéis a esta declaração e, hoje, continuamos a ser. Deus inspirou-nos a começar ministérios de que nós não tínhamos noção do impacto real, sementes que haviam sido semeadas anos antes. A

nossa experiência em determinada altura levou-nos e preparou-nos para enfrentar a seguinte. Deus continua a trabalhar de maneiras que não podemos prever ou compreender. Ele preparou-nos sempre para o passo seguinte da missão.

O passado falou e agora uma nova geração assume a liderança.

Na busca e no desejo de fazer algo em grande, devemos estar conscientes das oportunidades dos pequenos começos, dos passos humildes. No deslumbramento das generosas ofertas dadas pelos que têm muito, não podemos deixar passar despercebidas as *duas* pequenas moedas oferecidas pela pobre viúva, aquelas que o Filho de Deus notou.<sup>78</sup> Não perca o sentido das pequenas coisas e não despreze as pequenas acções que Deus tem feito, pode fazer e faz através de si.

Se olhar sempre para o maior impacto e investir o seu tempo nisso, pode estar a agir num lugar diferente daquele em que o Senhor quer ver o início de um pequeno trabalho. Está na moda desprezar os pequenos trabalhos, mesmo na economia da igreja. E está na moda fascinarmo-nos com o grande e o poderoso.

“Não desprezem os pequenos começos. Porque os homens se alegram vendo o início desta obra (...).”<sup>79</sup>

Talvez eu possa falar por todos os que têm passados ou histórias idênticas à minha: Em nome dos pequenos, agradecemos àqueles que estiveram dispostos a alcançar a Hungria, em vez de procurarem fazer uma grande obra que elevasse a sua posição na igreja. Porque não quiseram ser os maiores, ou fazer o melhor e mais eficaz projecto. Porque não olharam para nós como um caso perdido, mas abriram o seu coração e deram-nos de si mesmos. Sabemos

---

<sup>78</sup> Lucas 21:1-2

<sup>79</sup> Zacarias 4:10, OL

que teria sido mais fácil, menos insensato (aos olhos do mundo), ir onde havia força e, portanto, não tão arriscado. Obrigado por não nos “desprezarem”.

“Não rejeiteis, pois, a vossa confiança (...).”<sup>80</sup>

*Uma nota para aqueles que se perguntam sobre os eventos deste capítulo: O sótão do EuNC foi limpo e os nossos móveis e roupas encontraram lentamente o seu caminho de volta para a Hungria.*

Pode parecer um pequeno gesto ou um acto menor, mas a missão é sempre uma *escolha* que fazemos. Nós é que escolhemos fazer ou não fazer. Às vezes é uma escolha entre o que leva consigo ou o que deixa para trás. Essas escolhas fazem a diferença e têm um impacto profundo na missão. Então, pode o pequeno ser poderoso? Sim! Na verdade, esses pequenos actos podem chegar muito longe. Não despreze as pequenas acções que pode fazer pelas missões.

---

<sup>80</sup> Hebreus 10:35a

# PASSANDO À ACÇÃO

- As histórias passadas não se tornam “velhas” se forem sobre o agir de Deus. São intemporais. Fazem parte da nossa história colectiva, uma parte dos salmos que devemos cantar sobre como Deus age entre nós, no nosso tempo e no nosso lugar. Que histórias missionais viu, pessoalmente ou em vídeo, ouviu ou leu, que tiveram um impacto em si? Estas verdadeiras histórias de Deus nunca se tornam desactualizadas. Pense nelas, recontas, leia-as outra vez, ou veja-as novamente. Agradeça novamente a acção de Deus na nossa história.
- Consegue pensar em recursos na sua igreja ou em casa, que não estão a ser usados de todo ou são pouco usados? Se sim, como é que esses recursos poderiam ser melhor aproveitados? Como é que pode ser um melhor administrador das coisas que tem?
  - “É dito que a diferença entre o “ter” e o “não ter” não é meramente uma questão de posse (...) é o facto de que os que têm, não utilizarem determinado bom recurso, enquanto os que não têm dariam qualquer coisa por aquele recurso mal aproveitado. Muitos (...) se vão admirar com o sentido de urgência aqui apresentado (...) deixe-me, então, clarificar: demasiadas vezes temos os recursos necessários, mas falta-nos o entusiasmo ou a vontade de os utilizar da forma mais eficiente possível. Outros, como os nossos irmãos e irmãs na Hungria, investiram-se sem reservas no esforço de providenciar estes recursos, que noutras partes do planeta são completamente desvalorizados.”

(Missionário John Haines, referindo-se ao ministério do anjo húngaro)

- **Exercício de perseverança:** Pense num projecto antigo, algo que era popular quando apareceu pela primeira vez, mas do qual, ao longo do tempo, as pessoas perderam o interesse, ou queriam qualquer coisa de novo, levando apoiantes e voluntários a abandonarem o projecto. Consegue pensar em projectos destes, que apesar de pequenos e pouco importantes, não foram terminados e ainda podem causar impacto? Afinal quem é que determina “a última tendência em missões”? Há tantos projectos de missões que não se terminam porque o seu brilho esvanece em pouco tempo e o trabalho ainda estava em curso. Destruímos muito boas ideias desta forma. Não escolha o seu apoio com base no que o torna importante, ou à sua igreja, ou no impacto que quer ter.
- Os fundos para a continuidade e sustentabilidade de projectos de literatura, como os relatados neste capítulo, são raros. Continuar a publicar materiais de ensino da santidade wesleyana na Hungria, a educar e a capacitar os ministros que preparam os santos para a boa obra, é uma magnífica opção. Tais ofertas estendem-se para lá da Igreja do Nazareno e ajudam outros crentes também. Considere fazer uma doação para o fundo de literatura húngaro. Se assim entender, encaminhe a sua oferta para Hungary WordAction - Hungary Field Specials Account.
- O início da Igreja do Nazareno na Hungria não teria acontecido sem o generoso apoio do Fundo de Evangelismo Mundial, o génio cooperativo por trás do empreendimento missionário da Igreja do Nazareno. O Fundo de Evangelismo Mundial

baseia-se na premissa de que fazemos mais juntos do que poderíamos fazer sozinhos. A sua participação neste ministério é vital para continuarmos a fazer discípulos semelhantes a Cristo em todo o mundo, particularmente em “pequenos lugares” como a Hungria.









A história afecta-nos a todos e a forma como a vivenciamos moldar-nos-á para o resto da vida. A maneira como olho para a missão de Deus actualmente é muito afectada por acontecimentos-chave em que tive oportunidade de participar. Acontecimentos que também contribuíram para o êxodo de migrantes dos grupos mencionados previamente.

Em tempos de servidão, na Hungria, enquanto lutávamos pela nossa liberdade, fazia-nos bem ajudar outros a alcançar, também, a sua liberdade. Sob o comunismo, o Lago Balaton era uma estância férias para os alemães; no entanto, também se tornou num ponto de encontro para as famílias do Leste e do Oeste da Alemanha, separadas por um muro de ideologia, medo e ódio, até 1989.

Pouco antes do colapso do comunismo na Hungria, os alemães de Leste, que estavam de férias, sentiram que a mudança estava a chegar. Não quiseram regressar à Alemanha do Leste, preferiram ir para o Oeste. Após uma curta hesitação, o último governo

comunista húngaro permitiu que eles deixassem o bloco comunista através da Áustria a caminho da Alemanha ocidental. No entanto, antes que a permissão fosse concedida, estes alemães estiveram em campos de refugiados na Hungria durante algumas semanas. Foi o primeiro acto de abertura da fronteira entre o Oriente e o Ocidente, e abriu uma “racha no muro” - é dito que a decisão afectou directamente a queda do muro de Berlim tempos mais tarde.

Há alguns anos, andando pelas ruas de Budapeste, vimos os sinais daquele tempo. “*Danke Ungarn [Obrigado Hungria]! A Alemanha agradece por 1989*”, lia-se num cartaz montado pela Embaixada da Alemanha. A gratidão foi expressa num Pique-nique Pan-Europeu, organizado pelos húngaros na fronteira entre a Áustria e a Hungria. Naquele dia, o desmantelamento da cortina de ferro começou. O evento ocorreu em comemoração da remoção da primeira parte da vedação que separava Este e Oeste. Os alemães do Leste vieram à celebração; quando a fronteira abriu, correram para a Áustria em grupo.

Ver que nas nações vizinhas as populações começavam a fazer frente aos seus ditadores, levou os refugiados húngaros a tentar passar a fronteira ilegalmente. Uns foram mortos a tiro; outros apanhados, aprisionados e torturados. Alguns conseguiram passar a nado chegando ao outro lado completamente ensopados. Outros estavam doentes quando chegaram. Alguns trouxeram os seus filhos pequenos; outros vieram sozinhos ou com um grupo de amigos ou irmãos.<sup>81</sup>

Estes acontecimentos afectaram as nossas vidas. Que tempo e lugar para viver! Como é que nos podemos esquecer e ser infelizes a

---

<sup>81</sup> Nesta altura, a era de Nicolae Ceauşescu estava a chegar ao fim na Roménia.

esta herança? Nunca deveríamos esquecer o lugar em que estivemos exilados, como Deus nos libertou e todos os milagres que Ele fez no nosso caminho! O nosso povo não se pode esquecer de quem fomos no passado ao agirmos no presente. Não nos podemos esquecer do pequeno e belo papel que Deus nos permitiu ter no passado. Mesmo na minha curta vida, já vi muros erguerem-se e desmoronarem, vedações desmanteladas e reconstruídas novamente.

Muitas vezes pensei que gostaria de escrever aos meus amigos que nos influenciaram e cujas vidas nós tentámos ajudar, às vezes fazendo mais do que achávamos possível. Muitas vezes pergunto-me onde estão agora. Será que ajudam outros? Todos precisamos de ajuda num ou noutro momento da vida; nós, seres humanos, fomos deixados ao cuidado uns dos outros. Somos interdependentes. E agora pergunto-me, “terão eles aceite a missão de cuidar de outros? Será que se sentem obrigados, por uma questão de gratidão, a ajudar quem hoje está onde eles estiveram? Será que se lembram?”

Eu lembro-me; *fui uma testemunha*. Eu lembro-me de alguns nomes e caras que se tornaram parte da nossa vida por um tempo. Há um grande número de histórias pessoais compartilhado pelas pessoas que passavam pela nossa casa, passando assim a ser parte da nossa história. Se lhes pudesse enviar uma carta, diria o seguinte:

## **Carta Aberta Aos Meus Amigos Migrantes**

*Olá amigo migrante,*

Espero que já estejas bem reinstalado na tua nova vida. Não sei se te lembras de mim, mas eu lembro-me de ti. De certa forma, fomos amigos chegados: Sentaste-te na minha cadeira e comeste

no meu prato. Comeste do meu pão e dos meus legumes. Usaste os meus talheres para comer e bebeste da minha caneca. Dormiste na minha cama.

Chegaste já tarde, só com as roupas que trazias no corpo. Estavas cheio de sede e fome. Não nos telefonaste a avisar que vinhas e nós não fomos ver ao calendário se estávamos disponíveis. Na verdade, não sabíamos que vinhas a caminho. Houve barulho e ouvimos a campainha a tocar no meio da noite. Chegaste molhado, porque tinhas atravessado rios para chegar à nossa casa.

Eu só sei que chegaste, porque me deitei no quarto e quando me levantei para ir para a escola, na manhã seguinte, estava numa divisão diferente.

Podes não te lembrar de mim; havia muita gente. Nós éramos vários e vocês também. Vieste para nossa casa: um apartamento de 75 metros quadrados para 14 pessoas na minha família; os nossos números aumentaram a cada nova vaga. As visitas de estranhos estenderam-se ao longo de semanas.

Eu nunca te perguntei como é que sabias os nossos nomes e morada. Como é que sabias onde ir para teres uma cama, comida e água?

Partilhámos o que tínhamos quando era necessário: a casa, a comida, as roupas. Agora que já assentaste, quero pedir-te uma única coisa, em nome da minha família:

Lembra-te de abrir a porta aos estranhos e refugiados. Dá o teu copo, a tua cama, o teu prato, o teu pão e os teus legumes a alguém que precise. Dá apenas o que tens, mas dá, quando for necessário.

Não tivemos notícias tuas, mas não faz mal. Eu espero que outros tenham ouvido sobre a tua fé. Lembra-te de que eras crente debaixo de uma ditadura e que ansiavas pela liberdade religiosa.

Agora que, provavelmente, já a conseguiste, peço-te que te lembres de a usar para a missão de Deus. Agora és livre - livre e ao mesmo tempo compelido a partilhar todas as tuas bênçãos com os outros.

Meu amigo, antigo refugiado, tu tiveste fome, sede, não tinhas roupas. Entendes o que é ser *um deles*. Oferece refúgio a alguém, dá-lhes de comer, dá-lhes de beber. Conta-lhes a história de como também já foste um refugiado. Não digas que a tua casa não é suficientemente grande, ou que não tens copos suficientes, ou que não tens tempo. Não reclames que não foste avisado com antecedência e que não te preparaste para receber convidados.

Lembra-te da tua história e daqueles que te acolheram. Eu lembro-me porque fui *uma testemunha*. Deve-lo a Deus, que proveu as tuas necessidades naqueles dias difíceis! Isto é missão: dar e receber, vivendo a história e recontando-a como fonte de encorajamento para outros.

“Oh, queridos coríntios, falámos convosco agora com toda a franqueza; abrimos para vocês o nosso coração.”<sup>82</sup>

Saberás, com certeza, que os muros já foram removidos. Há um grande campo de missão na tua terra natal, agora que o Evangelho pode ser livremente partilhado. Por favor, ora para que alguém o partilhe.

*Um membro da tua família anfitriã.*

Apesar de não ter nenhum pedaço do muro de Berlim (acho que estávamos demasiado ocupados a ajudar), sinto que guardo uma parte dele no meu coração e memória. E acredito que

---

<sup>82</sup> 2 Coríntios 6:11–13, OL

contribuí para o seu desmoronamento. Desde então, algumas vedações têm sido postas de pé - é o que se diz. As fronteiras que estavam fechadas na altura - e eram extremamente difíceis de cruzar - foram abertas, mas parece que se podem fechar novamente amanhã. Quero estar sempre perto de um muro, para o destruir - o quer que seja que nos separe da união em Cristo.

# PASSANDO À ACÇÃO

- Se foi um refugiado, um migrante, oprimido ou perseguido, já contou a sua história para que pudesse ser acrescentada à história do povo de Deus?
- Escreva um salmo sobre como Deus o libertou, mencione todos os milagres à volta desse acontecimento e encoraje outros que estejam em situações idênticas.
- O que é que significam para si, as palavras de Deus ao Seu povo, após a sua libertação: “você**s** bem sabem o que é ser estrangeiro; lembrem-se das vossas experiências na terra do Egí**pt**o”<sup>83</sup>?
- Como é que pode abrir a sua casa a outros?

---

<sup>83</sup> Êxodo 23:9, OL







Em 2015, pediram-me para dar o meu testemunho na Conferência Regional da Eurásia, um encontro que reunia mais de 600 pessoas de cerca de 50 áreas do mundo, no qual discutimos assuntos directamente relacionados com a Região. Estava perplexa com nações ali representadas. Algumas eram bastante grandes e poderosas. Outras, como nós, eram pequenas; e outras, pelas quais o meu coração sofre, estavam a passar pelas tribulações que conhecemos tão bem.

Eu sou de uma nação pequena. Quando olhei em redor para as pessoas das grandes nações e para as pessoas das nações sem influência, vi impérios económicos já antigos e impérios em plena construção. Haviam pessoas de nações consideradas opressoras e de nações oprimidas. Os participantes vinham de áreas do mundo diversas, como daquelas em que se jogam os grandes jogos da governação mundial, ou daquelas em que os estados são meros peões de xadrez nas mãos dos grandes jogadores.

No entanto, como cidadã de outro Reino, eu olhei à minha volta e vi irmãos e irmãs que escolheram humilharem-se e tornarem-se pequenos.

Todos nós carregamos o poder e autoridade do Reino de Deus: o ministério de reconciliação, para vincular ou libertar. A pergunta é: o que é que fazemos com este poder?

À luz dos eventos recentes, eu penso na minha infância e juventude, quando vivia debaixo do comunismo, e no que a vida sob perseguição significa para mim, após o comunismo. Sim, eu venho de um lar cristão, da família do pastor. Lembro-me bem das histórias pessoais de medo e milagres.

Quando oro pelos perseguidos, hoje em dia, agradeço sempre pelos milagres que vão acontecendo, os quais desconheço, mas tenho plena certeza que acontecem. Eu experimentei a acção de Deus no meio dos oprimidos. Aprendi que durante a perseguição experimentei Deus de formas que nunca seriam possíveis numa vida confortável.

No Verão de 2015, vi-me numa posição interessante - uma posição de poder - e reconheci o medo nos olhos “dos outros”. Eu conhecia aquele medo tão bem no meu coração; era o medo dos que são indesejados.

Estávamos a ministrar na estação de caminho de ferro, no meio de pessoas que tinham sido rotuladas de “refugiados”. Eles estavam cercados por uma fita, colocada pela polícia, que delimitava o seu espaço. Ouviam-se ordens frequentes, dadas às longas filas de pessoas: famílias, jovens mães e os seus filhos, idosos e mulheres grávidas.

“Levantem-se”, ouvíamos. “Sentem-se.”

De cada vez que ouvíamos a ordem, levantávamo-nos com os que estavam do outro lado da fita. À segunda ordem, sentávamo-nos nas pedras da estação. Eles estavam do lado de dentro da fita; nós estávamos do lado de fora. Mas o movimento harmonizado fez-nos um grupo. E enquanto íamos obedecendo às ordens, partilhávamos histórias de vida. Tirámos fotografias. Éramos humanos que se tornaram amigos.

Com lágrimas nos nossos olhos dizíamos adeus quando os nossos vizinhos embarcavam nos comboios rumo à Alemanha ou à Áustria. Um grupo de jovens gritou-nos “Gostaríamos de vos levar lá, um dia, quando isto passar, a conhecer a nossa bela Síria. Obrigado por tudo.”

Nós não entregámos apenas sanduíches, ou roupas, ou chocolate, ou brinquedos, às crianças, que, já agora, eram extremamente gentis e educadas. Nós sentámo-nos com elas. Criámos um companheirismo no chão da estação.

Este evento fez-me perguntar: O que é que a reconciliação significa para mim, hoje?

Significa perdoar os meus perseguidores (de outros países), os meus opressores (concidadãos durante o comunismo) e deixar para trás o que aconteceu, não o fazendo a outros. Reconciliação também significa que não perdoar é um pecado (como definido na parábola do credor<sup>84</sup>).

Reconciliação, também é perceber que qualquer acção além de libertar, é um abuso da autoridade que me foi dada no Reino de Deus. Além disso, dar menos do que amor seria apenas crueldade da minha parte.

---

<sup>84</sup> Mateus 18:23-35

# PASSANDO À ACÇÃO

- Quando orar pelos que sofrem por causa da sua fé, não interceda apenas por eles. Lembre-se de louvar a Deus por todos os milagres dos quais você - e talvez eles - não tem consciência que acontecem.
  - Dirija-se a Deus como o Deus de todas as nações, que vê todo o sofrimento e está sempre no controlo.
  - Ore e peça por tudo o que puder, em nome daqueles que sofrem (água, comida, saúde, segurança, um dia a dia normal, trabalho e uma boa vida). Mas não pare, vá mais longe na sua oração. Não limite a sua oração à piedade humana ou às necessidades humanas. Ore para que tudo aconteça segundo a vontade de Deus, não apenas que o cálice seja passado. Orar pela remoção do sofrimento pode ser visto como falta de fé ou de visão. Pense para lá do mundo físico. Pense na missão em curso e na história da salvação que se desenrola, e ore para que aconteça.
  - Mencione áreas específicas, pessoas ou situações difíceis de que tenha conhecimento.
  - Agradeça a Deus pela história da salvação no meio dos que são perseguidos e pelos milagres que acontecem.
  - Louve o Deus Vitorioso e Libertador - passado, presente e futuro.
  - Chore por si mesmo e pelos seus filhos, lembrando-se dos seus pecados e dos da geração seguinte.

- Ore no nome de Jesus Cristo, que voluntariamente aceitou sofrimento.
- Qual é a lição que podemos aprender da paixão de Cristo e da dos mártires?





O texto seguinte é uma das *Histórias num Minuto* escritas por István Örkény, que se dedicava à sátira, exagerando a realidade para evocar empatia e repugnância ao mesmo tempo. Cada história é uma boa crítica. *Histórias num Minuto* foi publicado em 1968, reflectindo o tempo em que eu nasci.

Örkény era um membro do partido, mas participou na revolução de 1956 contra os soviéticos e os comunistas e viu a sua vida dificultada a partir daí. A sua vida (1912-1979) cobriu todas as histórias que ouvimos na nossa família sobre guerras, prisioneiros na frente russa, a revolução e as terras confiscadas pelo partido.

Örkény conta a sua própria história de vida num minuto. As suas histórias são curtas porque a sua vida é interrompida pelas guerras e outros eventos históricos. Talvez devêssemos aprender a usar esta ferramenta. Parafraseando Henri Nouwen, o mundo e nós, cristãos, usamos demasiadas palavras. Temos de aprender a usar o silêncio, ser precisos no Evangelho e entender a essência da missão.

As nossas vidas não são só palavras; as nossas vidas são e devem ser interrompidas pela realidade: guerras e outros acontecimentos.

A história seguinte é a minha predilecta. Örkény é anedótico nela, usando observações críticas ao seu próprio povo. Esta história também tem humor e crítica aquele tempo, através da sátira aguçada e grotesca pela qual era conhecido.

Quando consideramos a nossa missão, precisamos do humor e crítica de Jesus para nos examinarmos enquanto seus seguidores. Então, em que ponto estamos? Aqui está uma história de um minuto, uma crítica de um minuto.

### **O Último Caroço de Ginja<sup>85</sup>**

Haviam apenas quatro húngaros. (Na Hungria, digo eu; ainda haviam alguns espalhados pelo resto do mundo.) Eles moravam debaixo de uma ginjeira. Era uma ginjeira muito boa; dava ginjas e sombra, mas as primeiras só na estação apropriada. Destes quatro húngaros, um tinha dificuldade em ouvir e dois deles eram controlados pela polícia. O porquê nenhum sabia, não se lembravam, mas de tempos a tempos suspiravam: - “Somos controlados pela polícia.”

Apenas um dos quatro tinha nome - ou só aquele que se lembrava que o tinha. (O nome dele era Sipos.) Os outros tinham-se esquecido dos seus nomes; e de tanto mais. Com apenas quatro pessoas, não é essencial que cada uma tenha um nome.

---

<sup>85</sup> Örkény, István, "The Last Cherry Pit", In One Minute Stories, Corvina Books Ltd. e Brandl & Schlesinger de Syney, 1996. (Título original: AZ utolsó meggymag, Tradutor: Judit Sollosy). Usado com permissão.



Então, um dia, Sipos disse: “Devíamos deixar qualquer coisa para trás, para sermos lembrados.”

“Porquê?”, perguntou um dos que estava sob controlo da polícia.

“Para a posteridade, quando já cá não estivermos.”

“Quem é que vai querer saber de nós nessa altura?”, perguntou o quarto húngaro, que não era nem Sipos nem nenhum dos dois sob o controlo da polícia.

Mas Sipos não recuou e os outros dois apoiaram-no. Apenas ele, o quarto, insistia que era a ideia mais disparatada que o mundo vira. Os outros ficaram extremamente ofendidos. “Como assim?”, perguntaram eles indignadamente. “Como é que podes dizer tal coisa? Tu provavelmente nem sequer és húngaro!”

“Porquê?”, contrapôs. “Até parece que é uma grande coisa ser húngaro hoje em dia!”

Ele tinha alguma razão. E eles pararam de discutir. Pensaram e pensaram sobre o que haviam de deixar como memorial. Para esculpir uma pedra precisavam de um escopro. Se ao menos algum deles tivesse um alfinete! Com ele, pensou Sipos, podiam deixar uma mensagem no tronco da árvore. Ficaria na árvore para sempre, como uma tatuagem na pele de um homem.

“Porque é que não mandamos uma pedra ao ar?”, sugeriu um dos dois que estava debaixo do controlo da polícia.

“Não sejas parvo. O que sobe também cai!”, disseram-lhe os outros. E ele não discutiu. O pobre homem sabia que não devia muito à inteligência.

“Está bem”, disse-lhes um pouco depois. “Então pensem lá em qualquer coisa melhor, se conseguirem. O que é que pode durar?”

Eles puseram cabeças a funcionar juntas. Passado algum tempo, concordaram em esconder um caroço de ginja entre duas pedras (para não ser levado pela água). Não era um grande memorial, mas à parte de qualquer coisa melhor, teria de servir.

No entanto, tinham um problema. Na estação das gijas, eles tinham-nas comido todas e depois aproveitaram os caroços para fazer farinha, que usaram para se alimentarem o resto do ano. Logo, já não tinham caroços “por amor ou dinheiro”.

Nesse momento, um dos húngaros, que não era Sipos, nem nenhum dos dois debaixo do controlo da polícia, lembrou-se: A GINJA! (Ele já não estava do contra e dedicava-se de corpo e alma ao projecto, só queria ajudar.) A ginja tinha crescido tão alto, que eles não a conseguiram apanhar por nada. E lá no alto ficou, até secar, deixando só o caroço.

Os quatro húngaros concluíram que se se pusessem nos ombros uns dos outros, talvez a conseguissem apanhar. Planearam tudo detalhadamente. Em baixo ficou um dos homens que estava sob o controlo da polícia, aquele que não devia muito à inteligência, mas que até era dotado nos músculos. Aos seus ombros ficou o homem que não era nem Sipos, nem o outro debaixo do controlo da polícia; em terceiro ficou o segundo sob o controlo da polícia e em último Sipos, o fracalhote magricelas.

Com grande esforço ele trepou pelos seus companheiros e quando chegou ao topo, esticou-se o mais que podia. Nessa altura já nem se lembrava porque é que tinha trepado. Esqueceu-se completamente. Os outros gritaram-lhe para apanhar a ginja ressequida, mas não valia a pena. Sipos era o húngaro com dificuldades de audição.

Estavam num impasse. De vez em quando gritavam em unísono, mas o problema persistia e eles ficaram como estavam, uns em cima dos outros.

Eles ficaram como estavam, um cristão em cima do outro. Nós estamos em missão há 2000 anos. Será que nos tornámos surdos ou esquecidos? Ainda nos lembramos porque é que trepámos ao topo da árvore?

Podemos gostar de missões, mas será que ainda sabemos porque é que trepámos tão alto? Talvez aqueles que ajudámos a chegar ao topo da árvore das missões se tenham ensurdecido à voz de Deus e esquecido porque é que lá estão. Se os que se esqueceram do objectivo estão no topo, aqueles que se lembram estão cá em baixo a gritar para surdos lá no alto.

### ***Memorial da Curta História Nazarena na Hungria***

Há várias histórias desde o início da Igreja do Nazareno na Hungria, as nossas histórias de um minuto.

#### *WordAction*

Esta é, para nós, uma história maravilhosa, com um novo episódio a cada semana. As famílias, escolas e igrejas são afectadas. “Ide e ensinai todas as nações”- testemunhamos isto todos os dias. A

igreja global ensina a Hungria através dos materiais WordAction. É um memorial para a Hungria e para a igreja global. Ao participarem no Fundo de Evangelismo Mundial, as igrejas locais ajudam a publicar material de ensino. Também é um memorial para as várias denominações cristãs na Hungria, oferecido pela Igreja do Nazareno internacional. Torna-se parte da história cristã húngara. Acredito que os pastores e professores de fé de outras igrejas - Reformada, Católica, Baptista, Luterana, etc - concordam comigo, uma vez que regularmente encomendam e ensinam o nosso material nas suas igrejas, escolas e infantários.

### *Alabastro*

A história de Alabastro em Foldes é outra história de um minuto. Uma viúva disponibilizou a sua casa para a pequena congregação se reunir em Foldes, a casa ficava a abarrotar de gente.

Nós introduzimos o conceito da Oferta de Alabastro à igreja, pensando que talvez pudéssemos recolher a primeira oferta dali a uns anos. Queríamos que as pessoas se acostumassem com este ministério nazareno e que entendessem que podiam contribuir se quisessem juntar-se a esta grande oportunidade para o Reino.

A congregação entendeu Alabastro como uma prática nazarena na qual devia participar e cada um começou a juntar dinheiro de uma variedade de maneiras.

Uma senhora da igreja, cabeleireira, colocou um frasco no balcão onde os clientes podiam deixar uma gorjeta... para Alabastro. Quando as pessoas perguntavam o que era, ela explicava que era para apoiar o ministério que constrói edifícios em todo o mundo.

“Mas vocês não têm igreja. Porquê dar para que [pessoas que nunca conhecerá] tenham uma?”

“Porque um dia vamos ser nós a receber a ajuda. Para já, damos o que podemos para ajudar outros.”

Algumas semanas depois, a congregação contactou o escritório do distrito para saber como e para onde deviam enviar o dinheiro.

“Qual dinheiro?”

“Nós recolhemos a Oferta de Alabastro. Queremos enviá-la rapidamente para ser usada onde for necessária.”

Nós, também inexperientes, nazarenos de primeira geração, tivemos direito a um curso intensivo. Afinal de contas, os fundos de Alabastro não podem esperar.

A primeira Oferta de Alabastro em Foldes foi espectacular... mais do que muitas igrejas do Nazareno seriam capazes de angariar em lugares com economias mais estáveis. (Não se esqueça que a Hungria estava empobrecida.) Com os seus florins (moeda húngara), as pessoas de Foldes estavam dispostas a dar os seus corações à família nazarena em qualquer parte do mundo onde a sua ajuda fosse necessária, mesmo que fosse só com um pouco.

Os fundos de Alabastro acabaram por ajudar a construir a igreja de Foldes, sendo um testemunho real do círculo da influência da oferta de Alabastro. Claro que outras igrejas na Hungria também usufruíram do fundo de Alabastro.

Se faz parte de uma pequena missão ou trabalho nazareno, não espere que esta cresça ou se torne maior para participar. Quanto mais cedo começar, melhor será. A sua congregação sentirá que faz parte da família que é a Igreja do Nazareno. Este sentimento de pertença não vem apenas do acolhimento da igreja internacional, mas também do agir como um só, junto com a restante comunidade. Você tem o direito de participar no dar, enviar e em todas as outras tarefas.

Eu venho de uma família grande. Nunca vi os meus irmãos mais novos quererem ser tratados como “bebés”; sempre quiseram ser como os mais velhos e maduros. Eles esforçavam-se bastante para crescerem e serem como nós.

A Hungria, e outros distritos como nós, podem ser jovens distritos ou pequenas nações. Cresçamos com a tarefa que nos é incumbida, agindo de forma madura! Tenhamos o objectivo de imitar os que são mais maduros e não regredir de volta à infância enquanto igreja. Que não tenhamos atitudes infantis - chorando, implorando, agindo como se fôssemos incapazes. Em vez disso, que façamos o esforço de querer crescer, amadurecer e aceitar responsabilidades.

### *Trabalho & Testemunho*

O distrito da Hungria também quis enviar uma equipa de trabalho e testemunho para outro país, mas era-nos impossível arcar com as responsabilidades financeiras. Mas para pelo menos inculcar a vontade e a ideia nas pessoas, começámos a enviar equipas dentro do nosso país - cada igreja enviava uma equipa a outra igreja. Podíamos dizer que o nosso pequeno distrito enviava equipas de trabalho e testemunho? Sim!

O Senhor inspirou o Rev. Philip McAlister (coordenador de estratégia de campo e superintendente distrital da Hungria na altura) e o distrito da Alemanha para nos ajudarem. Não sei se a igreja alemã tem noção de como nos ajudou a ser um distrito que dá. Nós tivemos reuniões e sonhávamos em enviar uma equipa, mas parecia-nos fútil sequer considerar a hipótese.

Recebemos uma chamada do Rev. McAlister, a dizer que o distrito da Alemanha queria enviar uma equipa, já tinha o projecto

financiado, mas que a equipa não estava disponível para ir. O Philip perguntou-nos se queríamos ir.

O Imre e eu não estávamos a acreditar no plano: fundos alemães com mão de obra húngara. E aconteceu que a primeira equipa de Trabalho e Testemunho se pôs a caminho de Poznan, na Polónia, liderada pelos missionários voluntários Bob e Janet Miller. A equipa do distrito da Hungria pôde ir, servir e dar. Obrigado, distrito da Alemanha! O Campo do Norte da Europa - composto por distritos maduros - alimentou-nos, acolheu-nos, ajudou-nos e ensinou-nos como um irmão mais velho.

De que melhor maneira podemos agradecer a Deus e aos nazarenos de todo o mundo, pelas equipas de Trabalho e Testemunho que nos visitaram (financiando as viagens, o trabalho e partilhando) senão indo nós mesmos?!

De entre muitas outras histórias, também estivemos em Tirana, na Albânia, a evangelizar através da música, ou em Segesvár e Cikmántor, na Roménia, a ajudar com o ministério das crianças.

Não será ser cristão e nazareno, estarmos interligados? Dar, e ser ajudado a dar? Participar, e ser ajudado a participar? É isto que significa fazermos missão juntos - não missão feita por outros.

### *Aliança Teológica Wesleyana*

A última história de um minuto que quero contar é um memorial não apenas para a Igreja do Nazareno, mas para um grupo de pessoas mais alargado. Quando a Igreja do Nazareno iniciou o seu trabalho na Hungria, nós, como a primeira família nazarena húngara, tivemos o privilégio de estar envolvidos desde o início. Eu e o Imre sabíamos que tínhamos grandes líderes na igreja, mas esses líderes não viviam no nosso país. Sentimo-nos sozinhos e isolados no nosso contexto.

Apercebemo-nos de que outras denominações também estavam a tentar tirar partido do momento de tensão e mudança que se vivia no nosso país.

Mas a desconfiança e o medo eram comuns. O antigo regime virou as igrejas umas contra as outras, prevenindo assim um trabalho frutífero. No entanto, o comunismo não é a única força que planta a suspeita e a alimenta, até que se torne desconfiança e traição.

Tínhamos um grande amigo, Charles Elliott, que estava na Hungria com outra organização missionária wesleyana. Pedimos-lhe que nos ajudasse quando estivesse com menos trabalho.

Enquanto o Charles ajudava no escritório do distrito, nós discutíamos como seria bom que todos os wesleyanos se amassem e trabalhassem em conjunto. Fizemos uma lista com todos os grupos que tinham trabalho na Hungria e marcámos uma reunião com todos, no terceiro andar da sede nazarena. O Charles convidou outros grupos para se juntarem a nós.

No dia 22 de Junho de 1998, os líderes nacionais de sete igrejas e organizações missionárias de tradição wesleyana sentaram-se na nossa sala, perguntando-se sobre a razão de tal reunião. O Imre fez uma lista dos três objectivos delineados por ele, por mim e pelo Charles:

1. Estarmos em contacto. Termos encontros regulares para partilhar o que cada um tem feito e para partilharmos eventos, como os acampamentos, por exemplo. Desta forma, não duplicaríamos esforços, mas poderíamos construir juntos numa mesma base.
2. Unir esforços na publicação. Não havia qualquer publicação sobre a santidade wesleyana em húngaro. Através de



esforços conjuntos (uma equipa de voluntários e financiamento conjunto, etc.) e conferências teológicas para cultivar a teologia na nossa tradição, desenvolveríamos terminologia húngara que seria trabalhada e refinada, produzindo material original para o nosso contexto.

3. Unir esforços para desenvolver educação teológica de qualidade na tradição wesleyana. Se cada grupo o fizesse individualmente, seria caro e difícil. A colaboração tornaria realidade uma educação teológica eficaz.

Nós os três estávamos entusiasmados, mas também nervosos. Estes líderes nunca se tinham sentado a uma mesma mesa; éramos estranhos. Mas escutaram graciosamente, intrigados. Eles não conheciam os nazarenos, a mais pequena e jovem denominação naquela altura. O meu palpite é que eles acharam que nós éramos demasiado ambiciosos. O grupo concordou com o primeiro objetivo, mas disse que não aos dois “grandes projectos”.

Um em três, não era mau de todo. Começámos a reunir regularmente.

- Um ano depois, em 1999, começámos a organizar pequenas conferências para apresentar ensaios teológicos. Em 2017, iremos organizar a 14ª Conferência Anual de Teologia. Este é um grande diálogo entre as igrejas wesleyanas (Metodista Unida, Exército da Salvação, Metodista Livre, Igreja do Nazareno, etc.). Também tivemos conferências onde o diálogo foi entre igrejas wesleyanas e outras igrejas evangélicas, através da Aliança Wesleyana ou no Seminário Luterano, com ensaios comparando Lutero e Wesley, ou, noutro ano, Calvino e Wesley. Também

celebrámos o 300º aniversário do nascimento de Charles Wesley com um dia de conferência e a publicação de novos hinos em húngaro. Tudo isto foi feito através de esforços conjuntos.

- Dois anos depois, em 2001, começámos a publicar os 52 Sermões de John Wesley e temos publicado material em conjunto desde essa altura.
- Dois anos mais tarde, a educação teológica em húngaro teve início com as ferramentas, o corpo docente e o corpo estudantil vindos de todos os membros da Aliança Wesleyana. Estudantes nazarenos, sentados lado a lado com estudantes de outras seis denominações, na sala de aula no Centro da União Metodista, sendo ensinados pelo programa curricular do EuNC. A disciplina de Liderança na Igreja foi-lhes ensinada por um professor do Exército de Salvação; Teologia, por um sociólogo, teólogo e pastor da União Metodista; e Comunicação, por um jornalista e teólogo metodista livre.

Quantas oportunidades teriam sido perdidas se tivéssemos deixado a inimidade governar? Tantas igrejas à nossa volta continuaram a ter um relacionamento hostil. O regime que ditou a hostilidade já tinha passado. Estas instituições não se lembravam porque é que se odiavam ou porque é que não podiam trabalhar juntas; mas mantinham a hostilidade umas contra as outras. É um grande memorial termos tomado a decisão de nos humilharmos e trabalharmos juntos enquanto Aliança Wesleyana.

Em 2003, na primeira assembleia oficial, foi tomada a decisão de registarmos a Aliança de Igrejas Wesleyanas (agora chama-se Aliança Teológica Wesleyana). Trabalharíamos juntos nas áreas de educação, publicação e para melhorar o trabalho da igreja,

abraçando a nossa herança comum. Há um tempo para tudo, ensina-nos o sábio: “tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras”<sup>86</sup> e um “tempo de rasgar e tempo de coser”<sup>87</sup>.

Houve um tempo de dissidências na história da igreja. Nós sentimos que este era o tempo para nos juntarmos em torno da nossa herança wesleyana. Como há um tempo para tudo, oramos para que isto aconteça noutras partes do mundo. A história da Aliança Wesleyana mapeia um caminho sólido para construir o trabalho colaborativo com outros grupos wesleyanos noutros países.

Ainda é difícil acreditar que os três objectivos (com o bônus de termos registado a Aliança como uma entidade legal) se tornaram realidade. Isto providencia um contexto no qual o trabalho nazareno está inserido (bem enraizado no ADN nazareno e também na cultura húngara) e interligado com outras igrejas húngaras e com o que Cristo tem feito no nosso país. Não estamos sozinhos. Oramos para que, apesar dos ataques que o trabalho nazareno na Hungria sofra, sobrevivamos - não por causa de grandes indivíduos, mas porque, desde o início, quando éramos jovens e pequenos, o nosso trabalho esteve interligado:

- Interligado com a Igreja do Nazareno global, abraçando a sua identidade através do ensino, tradições, práticas e participações nas conferências com toda a comunidade;
- Profundamente enraizados e contextualizados na cultura húngara. Estamos interligados e colaboramos com igrejas húngaras, evitando a imagem de uma igreja que é “trazida pelos missionários”, tendo o espaço e a liberdade para perceber o que significa ser

---

<sup>86</sup> Eclesiastes 3:5

<sup>87</sup> Eclesiastes 3:7

uma igreja húngara de santidade wesleyana sem sermos forçados a moldar-nos a outras tradições. O trabalho não se transformará numa árvore frondosa se for plantado no “vaso missionário”; deve ser plantado no solo autóctone, mesmo que a plantação seja traumática e exposta ao vento.

- Interligados enquanto distrito. Interdependência é um sinal de maturidade crescente. Demora algum tempo a alcançar: crescer de total dependência, através de uma fase de independência, para perceber no fim o quão importante é a interdependência para o contínuo desenvolvimento da igreja e do seu trabalho na missão de Deus. Isto só acontecerá se intencionalmente criarmos tempo para a comunhão e aprendizagem com outros dentro do nosso contexto. Criando boas tradições logo no início e juntando-nos como distrito para fortalecer a nossa identidade nazarena e libertá-la para que se forme. As igrejas locais tornam-se lugares atractivos para novas pessoas que se podem juntar a nós em eventos distritais para os jovens e as famílias.

### *Iniciativa de Liderança*

Como em qualquer novo distrito - e se calhar nos mais antigos também - temos o desafio de treinar novos líderes. A formação de jovens líderes tem sido uma bênção para nós. Em 2009, quando a Região Eurásia iniciou um programa chamado Iniciativa do Desenvolvimento de Liderança (LDI), nós oferecemo-lo ao nosso primeiro grupo de jovens líderes; fizemo-lo novamente em 2013. Em vez de identificar líderes e largá-los num oceano de tarefas ministeriais, providenciámos uma formação e mentoria de dois anos. Aqueles que desejaram assumir papéis de liderança tiveram mais um ano de treino.

Este sistema tem ajudado um número considerável de jovens líderes que não teria tido coragem de assumir papéis de liderança de outra maneira. Outros teriam sentido a falta da mentoria de líderes mais experientes, que os ajudassem na sua caminhada. A história da Iniciativa do Desenvolvimento de Liderança ajuda a traçar um melhor futuro para os nossos jovens, garantindo que não são cometidos os mesmos erros que no passado.

### ***Qual é a sua história?***

“Devíamos deixar qualquer coisa, para que se lembrem de nós.” O que é que podemos deixar para que se lembrem de nós? Qual é o memorial da missão levada a cabo pela nossa geração? O que é que deixamos para trás? O caroço de uma ginja entre duas pedras? Uma pilha de livros sobre missões? Uma série de pregações moralizantes? Orgulho cristão? Boas estatísticas?

As histórias que partilhei nos capítulos anteriores são como as histórias de um minuto de Örkény: retratos instantâneos, reflexões da minha experiência passada e presente com Deus. Tracei a presença de Deus por trás da Cortina de Ferro; as histórias eram sobre Deus, que está presente atrás de vedações, muros e fitas. As histórias também eram sobre aqueles que se mantêm fiéis, sendo Suas testemunhas perante todos, até - e especialmente - perante os seus opressores. Estas são as minhas histórias enquanto *testemunha*.

E então, qual é a sua história?

# PASSANDO À ACÇÃO

- Aqueles que vêm como corremos a nossa corrida espiritual são as testemunhas das nossas vidas. Aqueles que consideramos inimigos do cristianismo - independentemente do regime em que vivemos - são testemunhas da história de Deus. Pergunte a si mesmo as seguintes questões:
  - É a história da minha vida enquanto Seu, uma história missionária para aqueles à minha volta que adoram outros deuses?
  - Qual é o meu legado?
  - O que é que deixo para trás para ser lembrado como Seu filho?
- Considere qual é o símbolo que verdadeiramente representa um memorial da missão de Deus para si - o que é que fez, porque é que o fez e como é que está relacionado com a história de Deus. Agora, faça um memorial com esse símbolo (A única regra é que não pode ser um caroço de ginja entre duas pedras; qualquer outra coisa é válida).



“Ser-me-eis testemunhas”.<sup>88</sup> Não é apenas uma ordem - não é, seguramente, uma ameaça, mesmo considerando o preço a pagar - é uma promessa. Nós *seremos* testemunhas.

Através deste livro, quis ser uma testemunha da obra de Deus, relatando reflexões sobre a minha vida.

Consegue, ao relatar a sua história, não ser o protagonista? De que forma é que a pode contar fazendo de Cristo o seu centro? Quando conta a sua história relata tudo o que viu, ouviu e viveu enquanto testemunha, como parte da história da salvação? Qual é a sua história da missão de Deus - no seu tempo e lugar?

Se nunca contou a sua história como parte da história da salvação, comece agora contando-a a si mesmo e depois a outros. O leitor não pode reviver a sua vida, mas pode recontá-la. Partilhar as histórias de outras pessoas é óptimo; faz de si o portador de boas notícias. No entanto, a sua história é tão importante de ser ouvida quanto as outras.

---

<sup>88</sup> Actos 1:8

No grupo de formação espiritual da minha igreja demos início a um exercício, há alguns anos, que ainda hoje mantemos: recontamos as nossas histórias. Nós conhecemos bem as histórias uns dos outros; mas vez após vez recontamos como Deus se revelou nas nossas vidas e em que contexto. Eu conto a minha história vez após vez e outros fazem o mesmo. O objectivo é que todos saibamos a história de cada um de cor e que cada uma seja uma parte autêntica da história de Deus - no nosso tempo e no nosso lugar. Estamos a compilar oralmente a obra de Deus: lembrando e ensinando a história de Deus uns aos outros, e glorificando-O pela Sua obra em e através de nós.

Se reparar, as questões cruciais sobre os eventos que representam a salvação, como a ressurreição e o Pentecostes, não eram os factos:

Páscoa - todos sabiam os factos; toda a gente falava sobre eles. Os discípulos de Emaús não discutiram os factos.

Pentecostes - toda a gente viu e ouviu os acontecimentos e todos tinham uma opinião. A multidão não discutia os factos do dia. Mas divergia na sua interpretação.

Em ambas as ocasiões a questão crucial foi: “o que quer isto dizer?”

Hoje em dia, e com a globalização, toda a gente tem acesso a mais informação do que poderia alguma vez imaginar. Os acontecimentos são transmitidos de uma ponta à outra do planeta. Muitos de nós mantemos contacto através da internet. A pergunta a fazer aos “profetas dos dias de hoje”, aos discípulos actuais, testemunhas



dos acontecimentos do nosso tempo, é: podemos interpretá-los? O que querem dizer? Uma testemunha interpreta correctamente do ponto de vista da história da salvação.

Devemos juntar as nossas histórias às histórias de salvação dos outros, para que as lembremos e aprendamos com elas. Ao mesmo tempo, ao partilharmos as nossas histórias vez após vez, pode acontecer que os nossos filhos digam: - “Não acontece nada nas nossas vidas!” E aí, se soubermos as histórias uns dos outros, podemos responder-lhes com reflexões sobre os acontecimentos interessantes que se desenrolam à nossa volta.

Há quantidades enormes de informação hoje em dia, mesmo neste livro. Mesmo assim, todos temos de ser testemunhas e contar o que ouvimos, o que vimos, o que experimentámos e fazer sentido de tudo isso. Ajude outros a entender o que a sua história significa na história da salvação.

Na escola primária e secundária, eu e os meus irmãos éramos maltratados por causa da fé e ministério da nossa família. Batiam-nos, humilhavam-nos muitas vezes e os professores intimidavam-nos à frente dos outros estudantes. Quando os meus amigos e colegas me tentavam consolar com algumas palavras amáveis, também eles eram castigados. Eram regularmente avisados: ninguém pode falar, nem ajudar a Mária.

Já no secundário, ganhei várias competições de russo. Fui competindo em vários níveis e ganhei-os a todos. O prémio final era uma viagem a Leninegrado (hoje São Petersburgo) com a duração de um mês.

Antes da viagem, fui chamada ao gabinete do director da escola (gymnasium<sup>89</sup>). No gabinete estavam a minha professora, o director, alguns membros docentes e o secretário da cultura do município. O secretário da cultura veio especialmente para me dizer que não poderia representar o meu país, nem ser nomeada vencedora da competição. A razão era simples e apenas uma: a história da minha família. Traria vergonha à Hungria por ser cristã. Ele disse-me que o segundo lugar faria a viagem no meu lugar.

A minha professora sabia o quanto eu tinha estudado para aquela competição e o quanto eu gostava de russo. Também ela tinha trabalhado muito comigo e estava bastante incomodada com o que se estava a passar. Antes de eu entrar no gabinete, ela já tinha dado a sua opinião de que aquela decisão lhe parecia errada e que deveria ser eu a ir mesmo que ideologicamente não estivesse em concordância com o comunismo. Ela arriscou um processo disciplinar, revogação da sua membresia no partido e muito mais, ao dizer o que disse.

O secretário da cultura virou-se para mim e disse: “Enquanto eu ocupar este cargo, não terás hipótese.”

Ouvi esta frase muitas vezes na minha infância.

E, então, a pessoa que ficou em segundo lugar na competição, passou um mês em Leninegrado. Eu fiquei em casa.

Há apenas alguns dias, reencontrei a minha professora de literatura e línguas russas, depois de muitos anos. Ela, ex-membro do

---

<sup>89</sup> Gymnasium é um tipo de escola focada na aprendizagem académica, providenciando educação secundária avançada em algumas partes da Europa e da CEI [Comunidade dos Estados Independentes – ex-União Soviética]. Hoje em dia o seu principal objectivo é preparar os estudantes para entrar na universidade e prosseguirem estudos mais avançados. [https://en.wikipedia.org/wiki/Gymnasium\\_\(school\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Gymnasium_(school)) s. pag. Web. 23 de Novembro de 2016.

partido, contou-me a história da sua perspectiva. Disse-lhe que às vezes não acreditava que tinha realmente acontecido, tal era o meu desejo de esquecer.

A minha professora disse-me que eu tinha o contexto familiar errado, que o meu pai - enquanto pastor - tinha o pior emprego possível, e que eles pensavam que eu seria a pior representante da Hungria na União Soviética, porque era crente. Não importavam as minhas capacidades ou os meus resultados na escola. Ela também me disse que, depois de eu ter saído da sala, ela tentou ser mãe e convencê-los de que se eu fosse, talvez o comunismo me influenciasse e era, portanto, uma oportunidade. A minha professora teve de enfrentar as consequências por me ter defendido.

Eu expliquei-lhe que, durante um ano, tive a excepcional oportunidade de pastorear um jovem casal de São Petersburgo na Igreja do Nazareno enquanto viveram em Budapeste. Parece-me que nada é impossível “com Deus no Seu posto”.

Pode ser que hoje esteja a viver uma situação em que o simples orar em público, andar com uma Bíblia, cumprimentar alguém enquanto irmão na fé ou ter uma cruz num edifício, lhe causem humilhação ou punição.

Se assim for, estará a escrever o seu diário de missão todos os dias, enquanto *testemunha*. Não veja o mundo apenas como um turista, alguém que observa do lado de fora, veja-o como *testemunha*, envolva-se nos acontecimentos à sua volta. Afinal de contas o seu visto neste mundo não é de turista, é de trabalho. O leitor está numa missão. Que tipo de contador de histórias é? Qual é a sua narrativa da obra de Deus?

# PASSANDO À ACÇÃO

- Quais são os seus salmos, as suas reflexões da obra de Deus?
- Partilhe as suas experiências com Deus na sua comunidade de fé. Esteja atento e interprete as acções de Cristo na sua vida
- Quando observa os acontecimentos actuais (migração em massa, terrorismo, novas formas de opressão, hostilidade face ao cristianismo, perseguição, etc.) como é que interpreta o que se passa e o que é que diz a outros sobre o seu passado que os possa ajudar a compreender a actualidade?
- O que diria se Jesus perguntasse hoje à sua igreja ou à sua família: “Não compreendem? Será porventura o vosso coração demasiado duro para entender isto? Se têm olhos porque não vêem? Se têm ouvidos porque não ouvem? Já não se lembram?”<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> Marcos 8:17-18, OL



# CAPÍTULO 14

## O MURO DAS TESTEMUNHAS

MUROS. Há vários muros. O Muro de Berlim da separação. Os dois lados desse muro:

- O muro das vítimas,
- O muro dos agressores.

No entanto, há um muro para lá destas duas categorias: o Muro das Testemunhas. Eu não quero pensar em mim mesma como uma mera vítima de um regime da história da humanidade. Eu sou *uma testemunha* do feio e do belo, do pecado humano e dos milagres de Deus.

Se a sua fotografia estivesse pendurada num destes muros, em qual seria?

Pessoas de outras gerações choraram pelo seu espaço no Muro das Testemunhas.

Há acontecimentos dos quais temos de nos lembrar. Também há acontecimentos que devemos esquecer, pô-los de lado como lixo ou dá-los como perdidos: uma infância perdida, oportunidades perdidas; lixo, que foi colocado na nossa vida sem a nossa permissão. A história da humanidade tem este efeito nas nações, famílias e indivíduos.

“(…) **deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia** e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta”.<sup>91</sup> Não podemos correr a carreira com o peso do passado a atrasar-nos.

O passado é nosso. As promessas de Deus para o presente e o futuro são nossas, o que quer que tragam. Cristo é nosso e nós somos Seus.

Vá! Corra!

---

<sup>91</sup> Hebreus 12:1

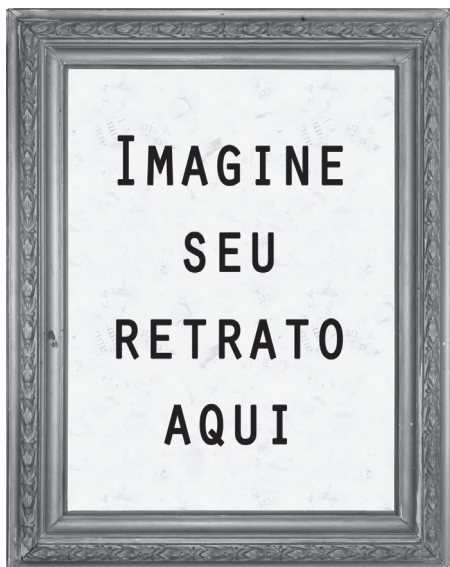
# PASSANDO À ACÇÃO

- Se o leitor se vê como uma vítima na sua história, como é que isso distorce a sua participação na missão de Deus e no seu relacionamento com Ele e os outros? Ore e peça cura e entendimento para que os seus olhos se abram e vejam o agir de Deus na sua história. Experimente a verdade e a liberdade que são seus, e seja liberto para a missão com todos, mesmo os que considera seus inimigos. Da sua condição de vítima, seja uma testemunha.
- Se sabe que foi, ou é, parte de um grupo opressor, ore em nome do seu povo e busque restauração e perdão de Deus para todos. Peça a Deus que vos cure, que abra os vossos olhos para que vejam o mundo - não do ponto de vista opressor no alto do orgulho humano, mas como Deus o vê. Busque a verdade libertadora de Deus. Só Ele o poderá libertar do passado e esvaziá-lo do presumível poder sobre os outros. Ele é o único que o pode libertar para a missão. Ele pode tirá-lo da sua posição abusiva, de poder e orgulho, e torná-lo Sua testemunha.
- Eu preparei um muro de testemunhas para encerrar este livro. Consegue imaginar a sua fotografia aqui? É um Muro de Testemunhas, não de fama. É dos desconhecidos, porém reconhecidos - desconhecidos pelo mundo, reconhecidos pelo Pai. Eu oro para que possa passar a sua fotografia do muro das vítimas, ou dos agressores, para o Muro das Testemunhas.

# UM MURO DE TESTEMUNHOS

“Por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros; como desconhecidos, mas sendo bem-conhecidos; como morrendo e eis que vivemos; como castigados e não mortos; como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo e possuindo tudo.”

2 Coríntios 6:8–10





# UM CONVITE

Alguns de nós vamos estar juntos na Assembleia Geral em 2017. Através daqueles que vêm de outros países por trás de muros, vedações, fronteiras, cortinas, e fitas, vamos estar juntos debaixo do tema “Um Corpo, Um Espírito, Uma Esperança, Um Senhor, Uma Fé”.

Lembremo-nos de que todos trabalhamos para fazer discípulos semelhantes a Cristo nas nações debaixo de diferentes circunstâncias. Para alguns, estar na Assembleia Geral será uma experiência de cura - um encorajamento, um toque de amor, dando força para voltar e continuar. Para esses, não será apenas um evento social, bons cultos, excelentes pregações e relatórios e boa música. Será sobrevivência, alimento, água que saciará a grande sede do povo de Deus. Eles vão absorver cada momento de comunhão conosco. Poderão não entender porque é que alguns participantes são mais relaxados, não levam aquilo muito a sério e não usam cada ferramenta e oportunidade que lhes é disponibilizada.

Se a sua história neste momento é a daqueles que “têm”, vá com o intuito de construir companheirismo com os outros, dê de si mesmo, seja um encorajamento. Não tenha pena, dê amor.

Estejamos preparados. E à medida que nos juntamos estejamos contentados em Cristo, ecoando as palavras de Paulo: “Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade.”<sup>92</sup>

---

<sup>92</sup> Filipenses 4:12

É bom e adequado partilhar a angústia e a alegria do outro. Todos precisamos uns dos outros - que grande dádiva é a de estarmos juntos! Somos um povo com “Uma Missão”: que nenhum pereça - nem os opressores, nem os responsáveis pela crucificação, nem mesmo os guardas romanos que guardavam a cruz. Que nenhuma alma se perca em todas as nações.

“Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência (...)”<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> Hebreus 10:35-36

# APÊNDICE

## Mais Sopas

Algumas sopas de fruta são cozinhadas e vão ao frigorífico antes de servir. Estas são feitas principalmente com ginja, maçã, ruibarbo, etc.

## Sopa de Maçã

### Ingredientes:

- 6-7 maçãs;
- 2-3 colheres de sopa de açúcar;
- 3 litros de água;
- 2 decilitros de natas acidificadas;
- 2 colheres de sopa de farinha;
- 1 pacote de açúcar baunilhado (aproximadamente 12g).

### Preparação:

1. Descasque as maçãs e corte-as em cubos.
2. Ferva a água com o açúcar.
3. Misture as natas acidificadas com a farinha.
4. Coloque os cubos de maçã na água a ferver.
5. Retire a sopa do lume e adicione a mistura de natas e farinha. Mexa até engrossar.
6. Adicione o açúcar baunilhado.

## Sopa de Maçã nº 2

### **Ingredientes:**

600g de maçãs verdes;

Rasps de um limão (aproximadamente 1 colher de sopa);

1 pau de canela;

2 nozes-moscada;

1 pitada de sal;

3-4 colheres de sopa de açúcar;

2 decilitros de natas acidificadas;

1-2 colheres de sopa de farinha (ou 2 gemas);

1,5 litros de água;

### **Preparação:**

1. Descasque as maçãs e corte-as em fatias finas.
2. Coloque as maçãs em água fria e junte todas as especiarias. Cozinhe-as. (É melhor colocar as especiarias de forma a poder retirá-las durante a cozedura.)
3. Quando as maçãs estiverem macias, retire as especiarias da panela e retire-a do lume.
4. Misture as natas acidificadas com a farinha e adicione à sopa, mexendo constantemente. Misture bem. (Também pode usar gemas para engrossar a sopa em vez da mistura de farinha e natas.)
5. No Verão, deite a sopa numa tigela de servir e coloque-a numa cama de gelo.
6. No Inverno, sirva a sopa à temperatura ambiente ou quente.
7. A mesma receita pode ser usada com ginjas, mas adicione mais açúcar (4-5 colheres de sopa).

## Sopa de Nectarina e Natas

### **Ingredientes:**

- 300g de nectarinas;
- 3 decilitros de água;
- 1 decilitro de leite meio-gordo;
- 1 ovo, separado;
- 1/2 colher de sopa de canela;
- Mel ou adoçante líquido (a gosto);
- 150 gramas de iogurte;
- 1 colher de sopa de sumo de um limão fresco.

### **Preparação:**

1. Descasque e corte as nectarinas.
2. Adicione o sumo de limão e o mel/adoçante à água previamente colocada numa panela. Coza a fruta a vapor.
3. Quando estiver cozida (ainda firme), deixe esfriar a água e depois misture bem.
4. Adicione o leite, o iogurte e as gemas e bata até espumar.
5. Bata as claras em castelo.
6. Envolve as claras no preparado anterior.
7. Leve ao frigorífico durante 1h/1h30. (A sopa vai arrefecer e engrossar.)
8. Sirva a sopa fria e acompanhe com frutas.

## Sopa de Morango e Cereja

### Ingredientes:

- 1/2 chávena de morangos;
- 2/3 chávena de cerejas;
- 1 2/3 chávenas de leite frio;
- 3/4 chávena de natas;
- 4 colheres de sopa de açúcar;
- 1 pitada de sal;
- 1 1/2 chávena de água;
- 10 cravinhos;
- 1 pau de canela pequeno;
- 1 casca de limão;

### Preparação:

1. Retire os caroços de cerejas.
2. Bata ambas as frutas num liquidificador.
3. Passe a mistura por um coador, até ter o sumo das frutas.
4. Adicione o leite frio, as natas, o açúcar e o sal.
5. Prepare as especiarias (cravinho, canela e limão) cozinhando-as em água durante 5 minutos.
6. Deixe a água arrefecer e misture-a à sopa, passando por um coador. Mexa bem.
7. Sirva a sopa fria e acompanhe com frutas e chantilly.

## Sopa de Ginja

Para 4 pessoas; panela de 2 litros

### **Ingredientes:**

- 1 litro de água;
- 1 lata (680g) de ginja;
- Açúcar a gosto;
- Canela a gosto;
- 2-3 cravinhos;
- 3 decilitros de natas para bater;
- 1 pacote de pudim de baunilha instantâneo (40g).

### **Preparação:**

1. Coloque as ginja na panela, acrescente a água e adoce com o açúcar a gosto. Adicione a canela e o cravinho a gosto. Deixe ferver a meio lume.
2. Enquanto espera que a sopa ferva, bata o pudim com as natas até ficarem homogéneas.
3. Quando começar a ferver, retire do lume e deixe arrefecer. Quando estiver morna, remova uma parte do preparado e acrescente, mexendo bem, ao pudim. Quando a mistura estiver homogénea coloque-a de novo na panela e volte a mexer bem.
4. Sirva a sopa morna ou fria com chantilly por cima.

## Sopa de Creme de Castanha com Ginja

(Para 4 pessoas)

**Nota:** Esta sopa cremosa e agradável é muito fácil de preparar; uma grande ajuda durante o advento quando estamos todos tão ocupados. É ótima para quem quiser uma alternativa para a consoada; tem um aroma irresistível.

### **Ingredientes:**

150g de ginja (podem ser enlatadas; sem caroços e escoadas);

1 decilitro de água;

Algumas gotas de essência<sup>94</sup> para cozinhar (baunilha, rum, ou outro que prefira);

9 decilitros de leite gordo;

1 vagem de baunilha (raspe as sementes de ambas as metades);

1 colher de sopa de pudim em pó para engrossar (sem ser instantâneo; o de baunilha talvez seja o melhor);

1 decilitro de leite gordo;

250g de puré de castanhas;

1 colher de chá de canela em pó;

2 colheres de sopa de mel.

### **Preparação:**

1. Escorra a ginja e remova os caroços.
2. Misture a essência escolhida em água, adicione as ginja e deixe marinar durante 2 horas.
3. Aqueça a maior quantidade de leite juntamente com a baunilha.

---

<sup>94</sup> Eu uso as essências do Dr. Oetker. São essências não alcoólicas para cozinhar; geralmente são diluídas na água. Podem comprar-se no supermercado ou online.



4. Misture a menor quantidade de leite com o pudim em pó.
5. Adicione o preparado de pudim ao leite aquecido com baunilha e misture bem. Leve à ebulição.
6. Esfarele o puré de castanha na sopa.
7. Retire a sopa a ferver do fogão e bata com uma batedeira até ficar homogéneo.
8. Coloque a sopa novamente no fogão e acrescente a canela e o mel.
9. Vá mexendo a sopa enquanto cozinha.
10. Escorra as ginjaas da marinada.
11. Adicione as ginjaas à sopa e deixe ferver novamente. Quando atingir fervura retire do lume.
12. Deixe a sopa arrefecer à temperatura ambiente e depois guarde-a no frigorífico.
13. Sirva com chantilly e fatias de laranja.
14. Sirva a sopa quente ou fria.

## Sopa de Ruibarbo

### Ingredientes:

- 1 pacote de açúcar baunilhado (aproximadamente 12g);
- 8-10 pés de ruibarbo;
- 3 litros de água;
- 1 limão (use um que não seja amargo ou use sumo de 1 limão);
- 2-3 decilitros de natas acidificadas;
- 1 colher de sopa de farinha (eu não gosto da sopa muito grossa. Para engrossar, use até 3 colheres de sopa de farinha; também depende da textura da nata acidificada.);
- 2-3 colheres de sopa de açúcar (açúcar de cana) - a gosto.

### Preparação:

1. Limpe e lave o ruibarbo (corte a parte da folhagem e deite fora).
2. Fatie o ruibarbo.
3. Cozinhe o ruibarbo em água até que fique macia.
4. Descasque um limão pequeno, corte-o em fatias e coloque-o na sopa.
5. Adicione o pacote de açúcar baunilhado.
6. Misture as natas com a farinha e adicione à sopa, mexendo bem.
7. Adicione o açúcar (o de cana é o melhor). É importante adicionar o açúcar no fim, para não queimar.
8. Leve a sopa à fervura, mexendo sempre.
9. Sirva a sopa quente ou fria.

## **CRÉDITOS DE IMAGEM**

Prefácio: Mapa da Europa, desenhado por Freepik

Prefácio: Teclado de caracteres especiais húngaro por Cserlajos com a licença CC BY-SA 3.0

CAPÍTULO 2: Bíblia azul, fotografia da autora

CAPÍTULO 3: Muro das vítimas, Shutterstock

CAPÍTULO 3: Refugiados, fotografia da autora

CAPÍTULO 3: Culto de batismos, fotografia da autora

CAPÍTULO 3: Culto de batismos, fotografia da autora

CAPÍTULO 3: Casa do Terror, Shutterstock

CAPÍTULO 9: O anjo de papel, WordAction Publishing Company, Kansas City, Missouri. Usado com permissão da editora.